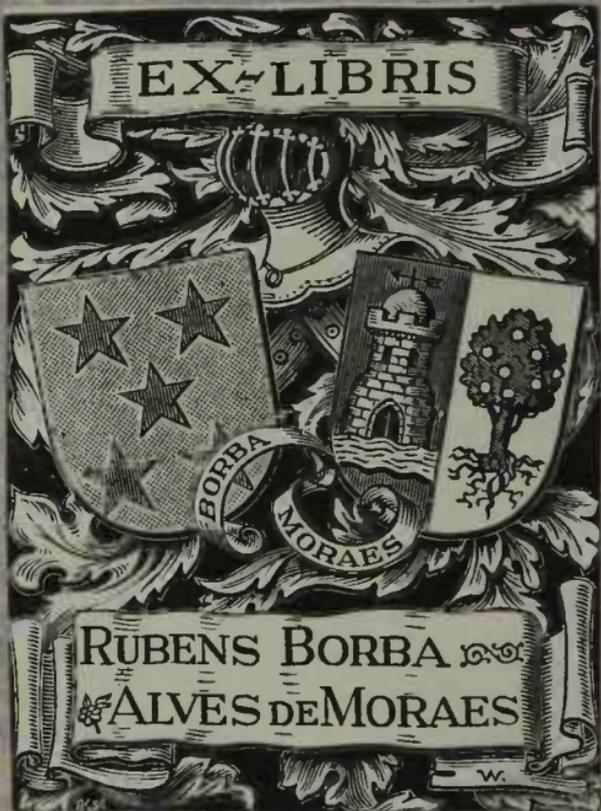


EX LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



BRASILIA BIBLIOTHECA
DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES

ANTIGOS E MODERNOS

T. A. GONZAGA

II

PARIZ. — TYP. DE S. RAÇON E COMP., RU D'ERFURTH, 1

2

MARILIA DE DIRCEU

LYRAS

DE

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

PRECEDIDAS

DE UMA NOTICIA BIOGRAPHICA
E DO JUIZO CRITICO DOS AUCTORES ESTRANGEIROS E NACIONAES
E DAS LYRAS ESCRIPTAS EM RESPOSTA AS SUAS

ACOMPANHADAS

DE DOCUMENTOS HISTORICOS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA S.

ORNADA DE UMA ESTAMPA

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ, GARNIER IRMÃOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1862

MARILIA DE DIRCEU

LYRAS

DE

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

MARILIA DE DIRCEU



PARTE I

LYRA I

x

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite;
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bella,
Graças á minha estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado :
Os Pastores, que habitão este monte,
Respeitão o poder do meu cajado :
Com tal deſtreza tóco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste :
Ao som della concérto a voz celeste ;
Nem canto letra, que não seja minha.

Graças, Marília bella,
Graças á minha estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
So apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De hum rebanho, que cubra monte, e prado :
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Os teus ollios espalhão luz divina,
A quem luz do sol em vão se atreve :
Papoula, ou rosa delicada e fina,
Te cobras as faces que são côr da neve.

Os teus cabellos são huns fios d'ouro ;
Teu lindo corpo balsamos vapóra.
Ah! não, não fez o ceo, gentil pastora,
Para gloria de amor'igual thesouro.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado :
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rez, o nédio gado.
Ja destes bens, Marilia, não preciso :
Nem me cega a paixão que o mundo arrasta ;
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço ;
Alli descansarei a quente sésta,
Dormindo um leve somno em teu regaço :
Em quanto a luta jogão os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,

Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bella,

Graças á minha estrella!

Depois que nos ferir a mão da morte,

Ou seja neste monte, ou n'outra serra,

Nossos corpos terão, terão a sorte

De consumir os dois a mesma terra.

Na campa, rodeada de cyprestes,

Lerão estas palavras os pastores .

« Quem quizer ser feliz nos seus amores,

« Siga os exemplos que nos derão estes. »

Graças, Marília bella,

Graças á minha estrella!

LYRA II

Pintão, Marília, os poetas
A um menino vendado,
Com uma aljava de settas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras azas nos hombros,
O tenro corpo despido,
E de amor ou de Cupido
São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,
Que assim seja amor; pois elle
Nem é moço, nem é cego,
Nem settas, nem azas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito,
Que elle já ferio meu peito:
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeão,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marília, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e liza testa,
Arqueadas sobranceiras;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence amor ao ceo,
Que no dia luminoso
O ceo tem um sol formoso,
E o travesso amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados ;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo um suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava :
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso ;
Elle, ouvindo os seus louvores,
Com um gesto desdenhoso
Se sorrio, e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta ;
Não me deo tambem resposta,
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
Animado da esperança,
Busco dar um desafogo
Ao cansado coração.
Pégo em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cobrio-se todo de peijo,
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
De amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que é este o retrato teu.
Sim, Marilia, a copia é tua,
Que Cupido é deos supposto :
Se ha Cupido, é so teu rosto,
Que elle foi quem me venceu.

LYRA III

De amar, minha Marilia, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos :
Adorão os heróes; e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos :
Quem, Marilia, despreza uma belleza,
A luz da razão precisa ;
E se tem discurso, pisa
A lei, que lhe dictou a natureza .

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
Uma vez se mudou em chuva de ouro ;
Outras vezes tomou as várias fórmãs
De general de Thebas, velha, e touro.
O proprio deos da guerra deshumano
 Não viveo de amor illeso ;
 Quiz a Venus, e foi preso
Na rede, que lhe armou o deos Vulcano.

Mas sendo amor igual para os viventes,
Tem mais desculpa, ou menos esta chamma :
Amar formosos rostos acredita,
Amar os feios de algum modo infama.
Quem lê que Jove amou, não lê nem topa,
 Que elle amou vulgar donzella :
 Lê que amou a Danae bella,
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar uma belleza se desculpa
Em quem ao proprio ceo, e terra move ;
Qual é a minha gloria, pois igualo,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o pai dos deoses soberano
 Um semblante peregrino :
 Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.

LYRA IV

Marilia, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizerão a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Dispuz-me a servir-te;
Levava o teu gado
À fonte mais clara,
À vargem, e prado
De relva melhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos

As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se alguém te louvava,
De gôsto me enchia;
Mas sempre o ciume
No rosto accendia
Um vivo calor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se estavas alegre,
Dirceu se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceu suspirava
Á força da dôr.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Fallando com Laura,
— Marilia — dizia;
Sorria-se aquella,
E eu conhecia

O erro de amor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me déste
Da tua fé pura
Um doce penhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura ;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu já te mudaste ;
E a faia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me ;
Pois basta o meu damno
Da sorte, que for.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

LYRA V

XX

Oh! quanto póde em nós a vária estrella!
Que diversos que são os genios nossos!
Qual s_olta a branca vella,
E affronta sobre o pinho os mares grossos;
Qual cinge com a malha o peito duro,
E marchando na frente das cohortes,
Faz a torre voar, cahir o muro.

O sórdido avarento em vão defende
Que possa o filho entrar no seu thesouro :
 Aqui fechado estende
Sobre a taboa, que vérga, as barras d'ouro.
Sacode o jogador do cópo os dados ;
E n'uma noite só, que ao somno rouba,
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da voraz gula o vicio adora,
Da lauta meza os seus prazeres fia.
 E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o genio o guia.
O sabio Galileo toma o compasso,
E sem voar ao ceo, calcula e mede
Das estrellas e sol o immenso espaço.

Em quanto pois, Marilia, a vária gente
Se deixa conduzir do proprio gosto,
 Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o sol se move,
Ou se a terra voltêa, assim conheço
Aonde chega o poder do grande Jove.

Nóto, gentil Marilia, os tens cabellos ;

E nóto as faces de jasmins e rosas :

Nóto os teus olhos bellos,

Os brancos dentes e as feições mimosas :

Quem fez uma obra tão perfeita e linda,

Minha bella Marilia, tambem póde

Fazer os ceos, e mais se ha mais ainda.

LYRA VI

+

Acaso são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava

O gordo rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou :
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquelle penhasco
Um rio cahia;
Ao som do susurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas :
Parece que o rio
O curso voltou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou :
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos alegre
Aqui repetia :

O écho as palavras
Tres vezes dizia :
Se chamo por elle,
Já não me responde ;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais que lhe dou.
São estes os sitios?
São estes ; mas eu,
O mesmo não sou :
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui um regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores e feno :
Á esquerda se erguia
Um bosque fechado
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
São estes os sitios?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou :

Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discôrro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;
Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca seccou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou :
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor e saudade :
Os sitios formosos,
Que já me agradarão,
Ah não se mudarão!

Mudárão-se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou :
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

LYRA VII

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores ;
Porém como? se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores :
Dal-as a terra não póde ;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lyrio, vence a rosa,
O jasmim e as outras flores.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os astros, vôa,
Traz-me as tintas do ceo.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos um pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Côres, que sejam iguaes.
Porém não, que em paralelo
Da minha nympha adorada
Perolas não valem nada,
E nada valem coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os astros, vôa,
Traz-me as tintas do ceo.

So no ceo achar-se pódem
Taes bellezas, como aquellas,
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas.
Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos, que matão,
Não imitão, não retatão
Nem auroras, nem estrellas.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os astros, vôa,
Traz-me as tintas do ceo.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma esphéra,
Venha Pallas, venha Juno,
Venha a deosa de Cythéra.
Porém não, que se Marilia
No certame antigo entrasse,
Bem que a Páris não peitasse,
A todas as tres vencêra.
Vai-te, Amor, em vão soccorres
Ao mais grato empenho meu :
Para formar-lhe o retrato :
Não bastão tintas do ceo.

LYRA VIII

Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo;
Porém não me venceo a mão armada
De ferro, e de furor :
Uma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força, que não seja
A tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora

Cadêas nas bigornas trabalhadas
Com pezados martellos :
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tỳranna guerra :
Sacode a setta ardente ;
E sendo despedida ca da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto empyreo :
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marilia, os succos saborosos
Das orvalhadas flores :
Pendentes dos teus beijos graciosos
O mel não chupão, chupão ambrosias
Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura ;
A fonte crystallina,
Que sobre as pedras cae de immensa altura,
Não forma um som tão doce, como fórma
A tua voz divina.

Em tórno dos teus peitos que palpitão,
Exhalão mil suspiros desvelados
 Enxames de desejos;
Se encontrão os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, voão, chegão;
 E dão furtivos beijos.

O cysne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas e o pescoço;
 A uáo, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o panno grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
 Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;
Eu prézo o captiveiro : sim, nem chamo
 Á mão de amor impía :
Honro a virtude, e os teus dotes amo :
Tambem o grande Achilles veste a saia,
 Tambem Alcides fia.

LYRA IX

Marilia, de que te queixas?
De que te roubou Dirceo
O sincero coração?
Não te deo tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amão : so Marilia
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

Em tórno das castas pombas,
Não rulão ternos pombinhos?
E rulão, Marilia, em vão?
Não se afagão c'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amão : so Marilia
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

Ja viste, minha Marilia,
Avezinhas, que não fação
Os seus ninhos no verão?
Aquellas, com quem se enlação,
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouso, em que estão?
Todos amão : so Marilia
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marilia, geração
Nos bravos mares e rios,
Tudo effeitos de amor são.
Amão os brutos impios,
A serpente venenosa,
A onça, o tigre, o leão.

Todos amão : so Marilia
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

As grandes deusas do ceo
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endymião?
Todos amão : so Marilia
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?

Desiste, Marilia bella,
De uma queixa sustentada
So na altiva opinião.
Esta chamma é inspirada
Pelo ceo ; pois nella assenta
A nossa conservação.
Todos amão : so Marilia
Desta lei da natureza
Não deve ter isenção.

LYRA X

Se existe um peito,
Que isento viva
Da chamma activa,
Que accende amor;
Ah! não habite
Neste montado,
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o impio
Aqui se esconde,
Não sei aonde ;
Mas sei que o vi.
Traz novas settas,
Arco robusto ;
Tremi de susto,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes
O impio tem.
Oh! como é justo
Que todo o humano
Um tal tyranno
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe ;
Mas quem resiste
Ao braço seu ?
Ao negro inferno
Levou a guerra ;
Venceo a terra,
Venceo o ceo.

Jamais se cobrem
Seus membros bellos ;
E os seus cabellos
Que lindos são !
Vendados olhos,
Que tudo alcanção,
E jamais lançaõ
A setta em vão.

As suas faces
São côr dà neve ;
E a bocca breve
So risos tem.
Mas, ah ! respira
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vêem.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.
Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Si a setta falta,
Tem outra prompta,
Que a dura ponta
Jamais torceo.
Ninguem resiste
Aos golpes della :
Marilia bella
Foi quem lh'a deo.

Ah não sustente
Dura peleja
O que deseja
Ser vencedor!
Fuga, e não olhe,
Que so fugindo
De um rosto lindo
Se vence amor.

LYRA XI

Não toques, minha musa, não, não toques
Na sonora lyra,
Que ás almas, como a minha, namoradas
Doces canções inspira :
Assopra no clarim que, apenas sôa,
Enche de assombro a terra!
Naquelle, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgilio a guerra.

Busquemos, ó musa,
Empreza maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Eu ja não vejo as graças de que fórma
Cupido o seu thesouro ;
Vivos olhos e faces côr de rosa,
Com crespos fios de ouro :
Meus olhos só vêm praças e loureiros ;
Vêm carvalhos e palmas ;
Vêm os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó musa,
Empreza maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Cantemos o heróe que ja no berço
As serpes despedaça ;
Que fére os Cários, que destronca as hydras ;
Mais os leões que abraça.
Cantemos, se isto é pouco, a dura guerra
Dos Titães e Typheos,

Que arrancão as montanhas, e atrevidos
Levão armas aos ceos.

Busquemos, ó musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Anima pois, ó musa, o instrumento,
Que a voz também levanto,
Porém tu deste muito acima o ponto,
Dirceo não sóbe tanto:
Abaixa, minha musa, o tom, qu'ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer — Heroe e guerra,
E so — Marilia — digo!

Deixemos, ó musa,
Empreza maior;
So posso seguir-te
Cantando de amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah sim, agora
Meu canto ja se afina!
E a humana voz parece que ao som d'ellas
Se faz também divina:

O mesmo que cercou de muro a Thebas,
Não canta assim tão terno ;
Nem pôde competir commigo aquelle,
Que desce ao negro inferno .

Deixemos, ó musa,
Empreza maior ;
So posso seguir-te
Cantando de amor.

Mal repito — Marilia — as doces aves
Mostrão signaes de espanto ;
Erguem os collos, voltão as cabeças,
Párão o ledo canto :
Move-se o tronco, o vento se suspende :
Pasma o gado e não come :
Quanto pôdem meus versos ! Quanto pôde
So de Marilia o nome !

Deixemos, ó musa,
Empreza maior ;
So posso seguir-te
Cantando de amor.

LYRA XII

Topei um dia
Ao deos vendado,
Que descuidado,
Não tinha as settas
Na impia mão.
Mal o conheço,
Me sóbe logo
Ac rosto o fogo,

Que a raiva accende
No coração.

« — Morre, tyranno ;
Morre, inimigo : »
Mal isto digo,
Raivoso o apêrto
Nos braços meus.
Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Tambem me aperta
Nos braços seus.

O levê corpo
Ao ar levanto ;
Ah e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão !
Pôde suster-se
A vez primeira ;
Mas á terceira
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,

Ferro aguçado
No já cançado
Peito, que arqueja,
Mil golpes dêo.
Suou seu rosto :
Tremêo gemendo ;
E a côr perdendo,
Batêo as azas ;
Emfim morreo.

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pelle
Vestio daquelle
Grenhoso bruto,
A quem matou ;
Para que próve
A empreza honrada,
Co' a mão manchada
Recolho as settas,
Que me deixou.

Ouvio Marilia
Que amor gritava ;
E como estava
Visinha ao sitio
Valer-lhe vem.

Mas quando chega
Espavorida,
Nem ja de vida
O féro monstro
Indicio tem.

Então Marilia,
Que o ve de perto
De pô coberto,
E todo involto
No sangue seu,
As mãos aperta
Ao peito brando,
E afflicta dando
Um ai, os olhos
Levanta ao ceo.

Chega-se a elle
Compadecida;
Lava a ferida
Co' o pranto amargo
Que derramou.
Então o monstro
Dando um suspiro,
Fazendo um gyro

Co' a baça vista,
Ressuscitou.

Respira a Deosa ;
E vem a gôsto
Fazer no rosto
O mesmo effeito,
Que fez a dôr.
Que louca idéa
Foi, a que tive!
Em quanto vive
Marilia bella,
Não morre amor.

LYRA XIII

Minha bella Marilia, tudo passa ;
A sorte d'este mundo é mal segura ;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos deoses
Sujeitos ao poder do ímpio fado :
Apollo já fugio do ceo brilhante,
Já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra morte
Acaba de roubar o bem que temos ;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte ;
 Qual fica no sepulcro,
Que seus avós erguêrão, descansado ;
Qual no campo, e lhe arranca os brancos ossos
 Ferro do torto arado.

Ah! em quanto os destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos :
 Um coração, que frouxo
A grata posse de seu bem differe,
A si, Marilia, a si somente rouba,
 E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores ;
E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sans amores.
 Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possão deter, o tempo corre ;
E para nós o tempo que se passa,
 Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gôsto falta,
E se entorpece o corpo já cansado ;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta ;

A mesma formosura

É dote, que só goza a mocidade :
Rugão-se as faces, o cabello alveja.

Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florecentes dias?
As glorias que vem tarde, já vem frias;
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah! não, minha Marilia,

Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

LYRA XIV



Oh quantos riscos,
Marilia bella,
Não atropella
Quem cego arrasta
Grilhões de Amor!
Um peito forte,
De acordo falto,
Zomba do assalto
Do vil traidor.

O amante de Hero
Da luz guiado,
C'o peito ousado
Na escura noite
Rompiu o mar.
Se o Hellesponto
Se encapellava,
Ah não deixava
De lhe ir fallar!

Do cantor thracio
A heroicidade
Esta verdade,
Minha Marilia,
Prova tambem :
Cheio de esforço
Vai ao Cocyto
Buscar afflicto
Seu doce bem.

Que acção tão grande,
Nunca intentada !
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração :
Pendientes rochas,

Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem ervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licor ;
Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mette horror.

Que seguranças !
Que fechaduras !
As portas duras
Não são de lenho ;
De ferro são :
Por tres gargantas,
Quando alguém bate,
Raivoso late
O negro cão .

Dentro da cova
Soão lamentos ,

E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!
Minos a pena
Manda se intime
Igual ao crime,
Que alli conduz.

Grande penedo
Este carrega ;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar :
A pedra sempre
Ao valle desce,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas aguas
Habita aquelle :
Por cima d'elle
Verdejão ramos,
Que pomos dão :
Debalde a bocca
Molhar pertende ;

Debalde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito
Despedaçado :
Monstro esfaimado
Jamais descança
De lh'o roer :
A rouxa carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer.

Mas bem que tudo
Pavor inspira,
Tocando a lyra
Desce ao averno
O bom cantor :
Não se entorpece
A lingua e braço,
Não treme o passo,
Não perde a côr.

Ah tambem quanto
Dirceu obrára,
Se precisára

Marilia bella
De esforço seu !
Rompêra os mares
Co'o peito terno,
Fôra ao inferno,
Subíra ao ceo.

Aos dois amantes
De Thracia e Abydo
Não deo cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.
Por seus vassallos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os grãos de amor.

LYRA XV

+

A minha bella Marilia
Tem de seu um bom thesouro ;
Não é, doce Alceó, formado
Do buscado
Metal louro.
É feito de uns alvos dentes,
E feito de uns olhos bellos,
De umas faces graciosas,

De crespos, finos cabellos;
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe deo :
Bens que valem sobre a terra,
E que tem valor no ceo.

Eu posso romper os montes,
Dar ás correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
 Nos caudosos
 Turvos rios ;
Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza ;
Mas, ah ! caro Alceo, quem pôde
Ganhar uma so belleza
Das bellezas, que Marilia
No seu thesouro metteo?
Bens que valem sobre a terra,
E que tem valor no ceo.

Da sorte que vive o rico
Entre o fausto alegremente,
Vive o guardador do gado
 Apoucado,
 Mas contente :
Beije pois torpe avarento

As arcas de barras cheas :
Eu não beijo os vís thesouros ;
Beijo as douradas cadeas ;
Beijo as settas ; beijo as armas
Com que o cego amor venceo :
Bens que valem sobre a terra,
E que tem valor no ceo.

Ama Apollo e o fero Marte ;
Ama, Alceo, o mesmo Jove :
Não é, não, a vã riqueza,
 Sim belleza,
 Quem os move :
Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemplo :
Deixo os bens que aos homens cegão,
Sigo dos deoses o exemplo :
Amo virtudes e dotes ;
Amo emfim, prezado Alceo,
Bens que valem sobre a terra,
E que tem valor no ceo.

LYRA XVI

Minha Marilia,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar póde
A paz sagrada
Do peito teu?
Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante

Tambem troveja
O claro ceo.

Eu sei, Marilia,
Que outra pastora
A toda a hora,
Em toda a parte
Cega namora
Ao teu pastor.
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo :
Assim, Marilia,
Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha, Marilia,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bocca,
E a compostura
Das mais feições.
Quem tem teu rosto
Ah não receia
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabelo,
Sem pelles finas
No seu jubão.
Porém que importa?
O rico aceio
Não dá, Marilia,
Ao rosto feio
A perfeição.

Quando appareces
Na madrugada,
Mal embrulhada
Na larga roupa,
E desgrenhada
Sem fita ou flor;
Ah que então brilha
A natureza!
Então se mostra
Tua belleza
Linda maior.

O ceo formoso,
Quando alumia

O sol de dia,
Ou estrellado
Na noite fria,
Parece bem.
Tambem tem graça
Quando amanhece;
Até, Marilia,
Quando anoitece
Tambem a tem.

Que tens, Marilia,
Que ella suspire!
Que ella delire!
Que corra os valles!
Que os montes gire
Louca de amor!
Ella é que sente
Esta desdita,
E na repulsa
Mais se acredita
O teu pastor.

Quando ha, Marilia,
Alguma festa
La na floresta,
(Falla a verdade)

Dança com esta
O bom Dirceo?
E se ella o busca,
Vendo buscar-se
Não se levanta,
Não vai sentar-se
Ao lado teu?

Quando um por outro
Na rua passa,
Se ella diz graça,
Ou muda o gesto,
Esta negaça
Faz-lhe impressão?
Se está fronteira,
E brandamente
Lhe fita os olhos,
Não põe prudente
Os seus no chão?

Deixa o ciume,
Que te desvela;
Marilia bella,
Nunca receies
Damno daquella
Que igual não fôr.

Que mais desejas?
Tens lindo aspecto;
Dirceo se alenta
De puro affecto,
E pundonor.

LYRA XVII

Não vês aquelle velho respeitavel
Que á muleta encostado
Apenas mal se move e mal se arrasta?
Oh quanto estrago não lhe fez o tempo!
O tempo arrebatado,
Que o mesmo brônze gasta.

Enrugárão-se as faces, e perdêrão
Seus olhos a viveza ;

Voltou-se o seu cabello em branca neve,
Ja lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;
Nem tem uma belleza
Das bellezas que teve.

Assim tambem serei, minha Marilia,
Daqui a poucos annos;
Que o impio tempo para todos corre;
Os dentes cahiráõ e os meus cabellos;
Ah sentirei os damnos,
Que evita só quem morre!

Mas sempre passarei uma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada :
Descansarei o ja vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

Nas frias tardes, em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,
Irei contigo ao prado florescente :
Aqui me buscarás um sitio ameno;
Onde os membros descanse,
E o brando Sol ma aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistosa parte, que ficar fronteira ;
Apontando direi : « — Alli fallámos,
Alli, ó minha bella,
'Te vi a vez primeira. »

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria :
Farão teus olhos ternos outro tanto :
Então darei, Marilia, frios beijos
Na mão formosa e pia
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra ;
Contente morrerei, por ser Marilia
Quem sentida chorando
Meus baços olhos cerra.

LYRA XVIII

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada ;
Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpúreos beiços,
Vejo o peito crystallino ;

Nem ha cousa que assemelhe
Ao crespo cabello louro :
Ah que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesouro !

Ella vence muito, e muito
A laranjeira copada,
 Estando de flores,
 E frutos ornada :
É, Glauceste, os teus amores,
E nem por outra pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cansára
As divinas cordas de ouro :
Ah que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesouro !

Sim, Eulina é uma Deosa ;
Mas anima a formosura
 De uma alma de féra ;
 Ou inda mais dura.
Ah! quando Dirceo pondera
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira !

Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro ;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil que imita a cobra,
Tambem aos olhos é bello :
Mas quando alumea,
Tu tremes de vel-o.

Que importa se mostre chea
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago e desdouro :
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
A natureza não deve!
Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gôsto,
Ri-se Marilia contente :
Si canto, canta commigo,
E apenas triste me sente,

Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabelo louro.
A minha Marilia vale,
Vale um immenso thesouro.

LYRA XIX

~~XL~~

Em quanto pasta alegre o manso gado,
Minha bella Marilia, nos sentemos
Á sombra d'este cedro levantado ;
 Um pouco meditemos
 Na regular belleza,
Que em tudo quanto vive, nos descobre
 A sábia natureza.

Attende, como aquella vacca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, em quanto chupa a lisa teta ;
 Attende mais, ó cara,
 Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo,
 E salte em cima d'ella.

Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aquenta,
Como aquella esgravata a terra dura,
 E os seus assim sustenta ;
 Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,
 Que juncto d'elles pisa.

Que gôsto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante !
 Quando, Marilia, quando
 Disser comsigo : — É esta
De teu querido pai a mesma barba ,
 A mesma bocca e testa.

Que gôsto não terá a mãi que toca,
Quando o tem nos seus braços, co'o dedinho

Nas faces graciosas, e na bocca
Do innocente filhinho!
Quando, Marilia bella,
O tenro infante ja com risos mudos
Começa a conhece-la!

Que prazer não terão os pais ao verem
Com as mãis um dos filhos abraçados;
Jogar outros á luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até n'aquillo que de pezo serve,
Inspira amor doçura.

LYRA XX

Em uma frondosa
Roseira se abria
Um lindo botão.
Marilia formosa
O pe lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada

O corpo escondeo ;
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A féra mordeo.

Apenas lhe morde,
Marilia gritando,
Co' o dedo fugio :
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deosa mostrou ;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou :

Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah dá-me attenção !
E como daquelle
Que feres e matas,
Não tens compaixão ?

LYRA XXI

Não sei, Marilia, que tenho,
Depois que vi o teu rosto;
Pois quanto não é Marilia,
Ja não posso vêr com gôsto.
N'outra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro :
Hoje, ó bella, me aborrece

Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor :
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de amor?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço ;
Busco o sitio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
Fito os olhos na janella,
Aonde, Marilia bella,
Tu chegas ao fim do dia ;
Se alguém passa e te saúda,
Bem que seja cortezia,
Se accende na face a côr :
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de amor?

Se estou, Marilia, contigo,
Não tenho um leve cuidado ;
Nem me lembra se são horas
De levar á fonte o gado.
Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge um dia o meu desgôsto :
Jamais, pastora, te vejo

Que em teu semblante composto
Não veja graça maior :
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de amor?

Ando ja com o juizo,
Marilia, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Metto de novo o arado.
Aqui no centeio pégo,
N'outra parte em vão o ségo :
Se alguém commigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
N'outra cousa tão diversa,
Que nexò não tem menor :
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de amor?

Se geme o bufo agoureiro,
So Marilia me desvela,
Enche-se o peito de magoa,
E não sei a causa d'ella.
Mal durmo, Marilia, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços :
Gela-se o sangue nas veias,

E sóto do somno os laços
A força da immensa dôr.
Ah! que os effeitos, que sinto,
So são effeitos de amor

LYRA XXII

X

—

Muito embora, Marília, muito embora
Outra belleza que não seja a tua,
Com a vermelha roda a seis puxada,
Faça tremer a rua.

As paredes da sala aonde habita,
Adorne a seda e o tremó dourado ;
Pendão largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores ;
Porém terás um Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura ;
E da pallida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecêrão,
De quem nem se quer temos a memoria !
So pôdem conservar um nome eterno
Os versos ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer d'ellas fosse linda,
Ja não sabia o mundo se existirão
Nem Laura, nem Clorinda.

É melhor, minha bella, ser lembrada
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches e thesouros,
Que morrem com os annos.

LYRA XXIII

N'um sítio ameno
Cheio de rosas,
De brancos lyrios,
Murtas viçosas :

Dos seus amores
Na companhia
Dirceo passava
Alegre o dia.

Em tom de graça
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque e cante.

Péga na lyra,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

Co'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
Á voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro chea.

Então cupido
Apparecendo,
Á bella falla
Assim dizendo :

— Do teu amado

A lyra fias,
So porque d'elle
Zombando rias?

Quando n'um peito
Assento faço,
Do peito subo
Á lingua e braço.

Nem creias que outro
Estilo tome,
Sendo eu o mestre,
A acção teu nome.

LYRA XXIV

Encheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
 As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobros rios,
 Dos negros, fundos mares :
 Para sua defeza,
A todos deo as armas que convinha
 A sabia natureza.

Deo as azas aos passaros ligeiros,
Deo ao peixe escamoso as barbatanas;
Deo veneno á serpente,
Ao membrudo elephante a enorme tromba,
E ao javali o dente;
Coube ao leão a garra;
Com leve pe saltando o cervo foge;
E o bravo touro marra.

Ao homem déo as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
Deo-lhe dedos ligeiros,
Que pódem converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios, com que aos brutos cortão
Os vôos, mais os passos.

As timidas donzellas pertencêrão
Outras armas, que tem dobrada força,
Deo-lhes a natureza
Além do entendimento, além dos braços
As armas da belleza.
So ella ao ceo se atreve;
So ella mudar póde o gelo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura,
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada;
Vejo que foi de Helena o lindo rosto
Quem pôz em campo armada
Toda a força da Grecia;
E quem tirou o sceptro aos reis de Roma
So foi, so foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,
O braço desarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados
Pódem soprar o fogo da discordia
Em povos aliados;
És árbitra da terra;
Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo
A paz e a dura guerra.

LYRA XXV

O cego cupido um dia
Com os seus genios fallava
Do modo que lhe restava
De captivar a Dirceo :
Depois de larga disputa,
Um dos Genios mais sagazes
Este conselho lhe deo :

As settas mais aguçadas,
Como se em rocha batessem,
Dão no peito seu, e descem
Todas quebradas ao chão :
So as graças de Marilia
Pódem vencer um tão duro,
Tão isento coração.

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de amor :
Que elle vive como as aves,
Que ja deixárão as pennas
No visco do caçador.

Na força deste conselho
O raivoso deos socega,
E á tropa a honra entrega
De o fazer executar :
Todos pretendem ganhá-la ;
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultárão
Da deosa nos olhos bellos :

Qual se enlaçou nos cabellos,
Qual ás faces se prendeo.
Um amorinho cansado
Cahió dos labios ao seio,
E nos peitos se escondeo.

Outro genio mais astuto
Este novo ardil alcança,
Muda-se n'uma criança
De divino parecer.
Esconde as azas, e a venda;
Esconde as settas, e quanto
Póde dal-o a conhecer.

Ella que vê um menino
Todo de graças coberto,
Tão risonho, e tão esperto
Alli sózinho brincar,
A elle endireita os passos;
Finge amor ter medo, e a deosa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;
Elle fugia e chorava:
Assim forão onde estava
O descuidado pastor:

Este, mal vio a belleza
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos, e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir fallar :
Qual Ulysses n'outra idade
Para illudir as serêas
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou :
Traçou a lingua nos dentes ;
Metteo as unhas no rosto,
E os cabellos arrancou.

O genio, que se escondia
Entre os peitos da pastora,
Ergueo a cabeça fóra,
E o successo conheceo :
Deixa o socego em que estava,



E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dirceo.

Apenas do brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor, que trazia,
Lhe abraçou o coração.
Dá o pastor um suspiro,
Abre os seus olhos, e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os genios
Ao triste pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir,
Cada um as armas toma,
Cada um com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da deosa
Lhe fórma um cupido laços,
Que lhe segurão os braços,
Como se fossem grilhões.
O pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces prizões,

LYRA XXVI

✕

Tu não verás, Marilia, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos ;
Queimar as capoeiras ainda novas ;
Servir de adubo á terra a fertil cinza ;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo ;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce canna o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos ;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

LYRA XXVII

O destro cupido um dia
Extrahio mimosas cores
De frescos lyrios e rosas,
De jasmins e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
Usa de uma e de outra tinta,
E nos angulos do cobre
A quatro bellezas pinta,

Por fazer pensar a todos
No seu liso centro escreve
Um letreiro, que pergunta :
— Este espaço a quem se deve? —

Venus, que vio a pintura,
E leo a letra engenhosa,
Pôz por baixo — Eu d'elle cedo ;
Dê-se a Marilia formosa.

LYRA XXVIII

Alexandre, Marilia, qual o rio
Que engrossando no inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abraza
As cidades mais fortes ;
Foi na gloria das armas o primeiro ;
Morreu na flor dos annos, e ja tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum que não abata,
Foi, Marilia, somente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.

Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A sua mesma patria a fé quebranta ;
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma ;
Consêgue ser heróe por um delicto ;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os imperios : move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o máo tyranno :
Consiste o ser heróe em viver justo :
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou heróe, Marília bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada;
 Ganhei, ganhei um throno,
 Ah não manchei a espada,
 Não o roubei ao dono;
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços :
E valem muito mais que o mundo inteiro
 Uns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos e cuidados;
 Nem descanso seguros
 Nos palacios cercados
 De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia
A quem mudou o fado em negro opprobrio
 A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto :
 Quando estou acordado
 Contemplo no teu rosto
 De graças adornado :
Se durmo, logo sonho e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
 A mais o meu desejo!

LYRA XXIX

Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão em que nasceste ;
Deixa, Marilia, agora
As já lavradas serras :
Anda afouta romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras ;
Ah que por ti suspirão
Os meus saudosos lares !

Não corres como Sapho sem ventura,
Em seguimento de um cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura ;
 Segues um fino amante,
 Que a perder-te morria ;
Quebra os grilhões do sangue e vem, ó bel
Tu já foste no sul a minha guia,
 Ah debes ser no norte
 Tambem a minha estrélla!

Verás ao deos Neptuno socegado,
Aplainar c'ó tridente as crespas ondas ;
Ficar como dormindo o mar salgado ;
 Verás, verás d'alheta
 Soprar o brando vento ;
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho :
Seguirem os delfins o movimento,
 Que leva na carreira
 O empavezado pinho.

Verás como o leão na proa arfando
Converte em branca espuma as negras onças
Que atalha e corta com murmurio brando ;
 Verás, verás, Marilia,
 Da janella dourada,
Que uma comprida estrada representa

A limpha crystallina, que pisada
Pela popa que foge,
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada bocca ao ar suspenso ;
Os pequenos peixinhos
Quaes passaros voarem ;
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,
Um repuxo formando com as aguas,
Que ao ar espalha da robusta venta ;
Verás emfim, Marilia,
As nuvens levantadas,
Umas de côr azul ou mais escuras,
Outras de côr de rosa ou prateadas,
Fazerem no horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo,
Apenas elle vir o teu semblante,

Dará no leme do baixel um beijo.

Eu lhe direi vaidoso :

— Não trago, não, commigo,

Nem pedras de valor, nem montes d'ouro;

Roubei as aureas Minas, e consigo

Trazer para os teus cofres

Este maior thesouro.

LYRA XXX

Cupido tirando
Dos hombros a aljava
N'um campo de flores
Contente brincava.

E o corpo tenrinho
Depois, enfadado,
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao deos conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o deos a não sente.

Os faunos, mal virão
As armas roubadas,
Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultão
Responde, dizendo :

— Temeis as settas
Nas minhas mãos cruas?
Vereis o que pódem
Agora nas suas!

LYRA XXXI

O tyranno amor risonho
Me apparece e me corvida
Para que seu jugo aceite ;
E quer que eu passe em delcite
O resto da triste vida.

— O sonoro Anacreonte,
Astuto o moço dizia,

Ja perto da morte estava,
Inda de amores cantava ;
Por isso alegre vivia.

« Aos negros, duros pezares
Não resistes um peito fraco
Se amor o não fortalece :
O mesmo Jove carece
De cupido e mais de Baccho. »

Eu lhe respondo : — Perjuro,
Nada creio do que dizes ;
Porque ja te fui sujeito,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.

« Se o mundo conhece males,
Tu os maiores fizeste ;
Sim, tu a Troya queimaste,
Tu a Carthago abrazaste,
E tu a Antonio perdeste. »

Amor, vendo que da offerta
Algum apreço não faço,
Me diz afouto que trate

De ir com elle a combate
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnez, e á pressa
Ponho um elmo na cabeça,
Tomo a lança e o grosso escudo.

Mal no campo me apresento,
Marilia, oh Ceos, me apparece!
Logo que os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno :
— Confessa, louco, o teu erro :
Contra as armas da belleza
Não vale a externa defeza
D'essa armadura de ferro.

LYRA XXXII

Juncto a uma clara fonte
A mãe de amor se assentou,
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
Contente ao lugar correu ;
Cuidando que era Marilia
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Venus irada :
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão :

— Foi facil, ó mãe formosa,
Foi facil o engano meu ;
Que o semblante de Marilia
É todo o semblante teu. »

LYRA XXXIII

8

Minha Marilia,
Si tens belleza,
Da natureza
É um favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
É so por graça
Do deos de amor,
Que tanto inflamma

A mente, o peito
Do teu pastor.

Em vão se virão
Per'las mimosas,
Jasmins e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o ceo te deo ;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceo.

O voraz tempo
Ligeiro corre :
Com elle morre
A perfeição ;
Essa, que o Egypto
Sábia modera,
De Marco imperia
No coração ;
Mas ja Octavio
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah vem, ó bella!
E o teu querido,
Ao deos cupido
Louvores dar ;
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo e morte
Possão zombar :
Tu por formosa,
E elle, Marilia,
Por te cantar.

Mas ai, Marilia,
Que de um amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino e cego :
No doce emprego
Do caro bem
Não vê defeitos,
E augmenta quantas
Bellezas tem

Nem um dos vates,
Em teu conceito,

Nutrio no peito
Nescia paixão?
Todas aquellas,
Que vês cantadas,
Forão dotadas
De perfeição?
Forão queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceo?
Tu tens, Marilia,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueo;
Irá teu nome
Aos fins da terra,
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao firmamento
Teu nome for :

Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a esposa
De inveja a côr ;
De todos ha-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se amor.

Ah não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão !
Os versos beija,
Gentil pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.

LYRA XXXIV



N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvía,
E por vêr de que tratavão
Um por um a todos lia.

Erão copias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal aceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas
Eu exclamo transportado :
— Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'um grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o deos cego
Com semblante carregado
Assim me falla, e crimina
O meu intento acertado :

— Queres queimar esses versos?
Dize, pastor atrevido,
Essas lyras não te forão
Inspiradas por Cupido?

Achas que de taes amores

Não deve existir memoria?
Sepultando esses triumphos,
Não roubas a minha gloria? —

Disse amor; e mal se cala,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim á queixa respondo :

— Depois, amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar umas lyras,
Que não são em honra d'ella?

E que importa, amor, que importa,
Que a estes papeis destrua ,
Se é tua esta mão que os rasga,
Se a chamma que os queima é tua? —

Apenas amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma co'o vento,
Que formou batendo as azas.

LYRA XXXV ⁺

Em cima dos viventes fatigados
Morpheo as dormideiras espremia;
Os mentirosos sonhos me cercavão;
 Na vaga fantasia
 Ao vivo me pintavão
 As glórias, que desperto,
 Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a não possante,
Nos braços conduzindo a minha bella;
Voltêa a grande roda, e a grossa amarra
Se enleia em torno della;
Ja ponho a proa á barra,
Ja cahe ao som do apito
Ora uma, ora outra vela.

Os arvoredos ja se não distinguem :
A longa praia ao longe não branqueja;
E ja se vão sumindo os altos montes,
Ja não ha que se veja
Nos claros horizontes,
Que não sejam vapores,
Que ceo e mar não seja.

Parece vão correndo as negras aguas;
E o pinho, qual rochedo, estar parado;
Ergue-se a onda, vem á não direita
E quebra no costado;
O navio se deita,
E ella finge a ladeira
Sabindo do outro lado

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cahir do lais a linha que os engana;

Um dourado no anzol está pendente,
Soffre morte tyranna,
Entretanto que a sente,
Ao tombadilho açouta
A cauda e a barbatana.

Sobre as ondas descubro uma carroça
De formosas conchinhas enfeitada;
Delfins a movem, e vem Thetis n'ella;
Na pôpa está parada;
Nem pôde a deosa bella
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vem montados
Os nus Tritões, deixando a esphera cheia
Com o rouco som dos buzios retorcidos;
Recreia, sim, recreia
Meus attentos ouvidos
O canto sonoro
Da musica sereia.

Ja sobe ao grande mastro o bom gageiro;
Descobre arrumação, e grita — terra!
A murada caminha alegre a gente;
Alguns entendem que erra;

Pelo immovel somente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume de serra.

De Mafra ja descubro as grandes torres,
E que nova alegria me arrebatá !
De Cascaes a muleta ja vem perto,
Ja de abordar-nos trata ;
Ja o piloto esperto,
Inda debaixo manda
Soltar mezena e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A grossa artilheria ja me atroa ;
La ficão Paço d'Arcos e Junqueira ;
Ja corre pela proa
Uma amarra ligeira ;
E a náó ja fica surta
Diante da gran Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços ;
Eu vejo o velho pai que lentamente
Arrasta a mim os passos ;
Ah como vem contente !

De longe mal me avista,
Ja vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos, pelos pés o apérto ;
E manda que dos pés ao peito passe :
Marilia, quanto eu fiz, fazer intenta ;
Antes que os pés lhe abrace
Nos braços a sustenta ;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh Ceos, acordo !
Conheço não estar no claro Tejo ;
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem se quer a vejo !
Venha a hora afortunada,
Em que não fique em sonho
Tão ardente desejo !

LYRA XXXVI

Péga na lyra sonora,
Péga, meu caro Glauceste;
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rusticos pastores
A formosura celeste
De Marilia, meus amores.

Ah pinta, pinta
A minha bella!

E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tam ditoso !
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino ;
E o teu canto sonoro
Tambem do seu rosto é dino.

Ah pinta, pinta
A minha bella !
E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio e fez a neve.

Ah pinta, pinta
A minha bella !
E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desveles,
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando ;
Uns tecendo cordas d'elles,
Outros com elles bricando.

Ah pinta, pinta
A minha bella !
E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beijos graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.

Ah pinta, pinta
A minha bella !
E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,

Não des a cópia por feita ;
Passa a outros dotes, passa ;
Pinta da vista e do riso
A modestia, mais a graça.

Ah pinta, pinta
A minha bella !
E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

Pinta o garbo de seu corpo
Com expressões delicadas ;
Os seus pés, quando passeão,
Pizando ternos amores ;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.

Ah pinta, pinta
A minha bella !
E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

Pinta mais, prezado amigo,
Um terno amante beijando
Suas douradas cadeas ;
E em doce pranto desfeito,

Ao monte e valle ensinando
O nome que tem no peito.

Ah pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros chorão de inveja,
E chora Dirceo de gôsto.

Ah pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste d'ella.

LYRA XXXVII

Convidou-me a ver seu templo
O cego cupido um dia;
Encheo-se de gosto o peito,
Fiz d'este deos um conceito,
Como d'elle não fazia.

Aqui vejo descorados
Os ternissimos amantes,
Entre as cadeas gemerem ;

Vejo nas pyras arderem
As entranhas palpitantes.

— A quem ama, quanto avistas,
Diz Cupido, não aterra ;
Quem quer cingir o loureiro
Tambem vai soffrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.

Com tudo, que te dilates
N'este sitio não convenho ;
Deixa a estancia lastimosa,
Vem ver a sala formosa
Aonde o meu solio tenho.

Entrei n'outro grande templo ;
Que perspectiva tam grata !
Tudo quanto n'elle vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebatá.

É de marmore e de jaspe
O soberbo frontispicio ;
É todo por dentro de ouro ;
E a um tam rico thesouro
Inda excede o artificio.

As janellas não se adornão
De sedas de finas côres ;
Em lugar dos cortinados,
Estão presos e enlaçados
Festões de mimosas flores.

Em tórno da sala augusta
Ardem dourados brazeiros,
Queimão resinas que estalão,
E postas em fumo exhalão
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pe do throno os seus genios
Alegres hymnos entoão ;
Danção as graças formosas,
E aqui as horas gostosas
Em vez de correrem voão.

Estão sobre o pavimento
Igualmente reclinados,
Nos collos dos seus amores,
Os grandes reis, e os pastores,
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro,
Me diz o moço risonho ;

— Como ainda não reparas
Em tantas cousas tam raras,
De que este templo componho?

« Sabes a historia de Jove?
Aqui tens o manso touro,
Tens o cysne decantado,
A velha em que foi mudado,
Com a grossa chuva de ouro.

« Applica, Dirceo, agora
Os olhos para esta parte,
Aqui tens a lyra d'ouro
Que inda estima o pastor louro ;
E a rede que enlaça a Marte.

« Vês este arco destramente
Do branco marfim ornado?
Á casta deosa servia,
E o perdeo quando dormia
Do gentil pastor ao lado.

« Vês esta lyra? Com ella
Tira Órphéo ao bem querido
Dos infernos onde estava :

Vês este pharol? Guiava
Ao meu nadador de Abido.

« Vês estas duas espadas
Ainda de sangue cheas?
A Tisbe e a Dido matárão ;
E os fortes pulsos ornárão
De Pyramo e mais de Eneas.

« Sabes quem vai no navio
Que n'este mar se levanta?
É Theseo. Vês esse pomo?
E de Cydippe, assim como
São aquelles de Atalanta.

« Vê agora estes retratos,
Que destros pinceis fizerão,
Ah! que pinturas divinas!
Todas são das heroínas,
Que mas victorias me derão.

« Repara n'esse semblante,
É o semblante de Helena ;
Lá se avista a Grega armada,
E aqui de Troya abrasada
Se mostra a funesta scera.

« Vês est'outra formosura?
É a bella Deidamia;
Lá tens Achilles ao lado,
De uma saia disfarçado,
Como com ella vivia.

« Cleopatra é quem se segue :
Alli tens lançando a linha
Marco Antonio socegado,
Ao tempo em que Augusto irado
Com armada não caminha.

« Aqui Hermia se figura;
Vê um sabio dos maiores,
Qual infame delinquente,
Ir desterrado, somente
Por cantar os seus amores.

« Este é de Omphale o retrato:
Aqui tens, quem o diria!
Ao grande Hercules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obsequio fia.

« Anda agora a est'outra parte,
Conheces, Dirceo, aquella? »

— Onde vais, lhe digo, explica,
Que belleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso d'ella?

Ergo o rosto, ponho a vista
Na imagem não explicada,
Oh quanto é digna de apreço!
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos
Em terno pranto sahia,
E no meu peito saltava;
Disfarçando amor, olhava
Para mim a furto e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega e me abala;
Desperto de tanto assombro;
Elle bate no meu hombro,
E assim affavel me falla :

— Sim, caro Dirceo, é esta
A divina formosura,
Que te destina Cupido;

Aqui tens o laço ordido
Da tua immortal ventura.

« Um numen, Dirceo, um numen,
Que os trabalhos de um humano
Desta sorte felicita,
Não é como se acredita,
Não é um numen tyranno.

« Ólha si a cega fortuna,
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares ou na terra,
Em seus thesouros encerra
Outro bem de mais valia?

« Lizas faces côr de rosa,
Branços dentes, olhos bellos,
Lindos beiços encarnados,
Pescoço e peitos nevados,
Negros e finos cabellos,

« Não valem mais que cingires,
Com braço de sangue immundo,
Na cabeça o verde louro?
Do que teres montes de ouro?
Do que dares leis ao mundo?

« Ah ensina, sim, ensina
Ao vil mortal atrevido,
E ao peito que adora terno,
Que tem, para um o inferno,
Para outro um ceo, cupido. »

Ao restø amor me convida,
Eu chorando a mão lhe beijø,
E lhe digo : — Amor, perdoa
Não seguir-te; pois não voa
A ver mais o meu desejo. »

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

MARILIA DE DIRCEU

—

PARTE II

LYRA I



Ja não cinjo de louro a minha testa;
Nem sonoras canções o deos me inspira :

Ah que nem me resta
Uma ja quebrada,
Mal sonora lyra!

Mas n'este mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marilia, amor que vá cantar-te :

Cumpro o seu desejo ;

E ao que resta suppra
A paixão e a arte.

A fumaça, Marilia, da candêa,
Que a molhada parede ou suja ou pinta,
Bem que tosca e fêa,
Agora me pôde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta :
Elle me diz, que faça no pe d'ele uma
Ma laranja ponta,
E d'elle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo ;
Verás, Marilia, uma idéa nova :
Sim, eu ja te escrevo,
Do que esta alma dicta
Quando amor approva.

Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar que assombro faça :
Mostra mais ternura
Quem te estima e morre
Nas mãos da desgraça.

N'esta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellós,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
A chusma dos cupidos, que pendentes
D'essa boca linda,
Nos arés espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei : — No peito, que uns amores
De casto desejo
Aqui te pintárão,
E são bons pintores.

Mal te viram meus olhos, ah n'essa hora
Teu retrato fizeram, mas tam forte
Que entendo, que agora
So póde apaga-lo
O pulso da morte.

Isto escrevia, quando, ó ceos, que vejo!

Descubro a lér-me os versos o deos louro :

Ah dá-lhes um beijo,

E diz-me que valem

Mais que letras de ouro.

LYRA II

X

—

Morri, ó minha bella :
Não foi a parca impia,
Que na tremenda roca,
Sem ter descanso, fia ;
Não foi, digo, não foi a morte fêa,
Quem o ferro moveo e abriu no peito
A palpitante vêa.

Eu, Marilia, respiro ;
Mas o mal, que supporto,
É tão tyranno, e forte,
Que ja me dou por morto :
A insolente calumnia depravada
Ergueo-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada!

Inda, ó bella, não vejo
Cadafalso enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado ;
Mas vivo n'este mundo, ó sorte impia,
E d'elle so me mostra a estreita fresta
O quando é noite ou dia.

Olhos baços, sumidos,
Macilento, escarnado,
Barba crescida, hirsuta,
Cabello desgrenhado ;
Ah que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marilia, como vive
Um réo de magestade.

Venha o processo, venha ;
Na innocencia me fundo :

Mas não morrerão outros,
Que davão honra ao mundo?
O tormento, minha alma, não recuses :
A quem sabio cumprio as leis sagradas
Servem de solio as cruces.

Tu, Marilia, se ouvires,
Que ante o teu rosto afflicto
O meu nome se ultraja
Co'o supposto delicto,
Dize sevéra assim em meu abono :
— Não toma as armas contra um sceptro justo
Alma digna de um throno. »

LYRA III

Esprema a vil calúnia muito embora
Entre as mãos denegridas e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto
Não has de ver, Marília, o medo escrito,
O medo perturbador,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,
As furias infernaes, que Pluto move ;
Mas póde mais que todas
Um dedo só de Jove.

Este deos converteo em flor mimosa,
A quem seu nome derão, a Narciso ;
Fez de muitos os astros,
Qu'inda no ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo ;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em astro novo.

Porém se os justos ceos, por fins occultos,
Em tão tyranno mal me não soccorrem ;
Verás então, que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo !
Tu, formosa Marilia, bem o sabes :
Um coração... e basta,
Onde tu mesma cabes.

LYRA IV

La

Succede, Marilia bella,
A medonha noite o dia :
A estação chuvosa é fria
A quente secca estação :
Muda-se a sorte dos tempos :
So a minha sorte não ?

Os troncos nas primaveras
Brotão em flores viçosos,

Nos invernos escabrosos
Largão as folhas no chão :
Muda-se a sorte dos troncos ;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão
Armadas redes os passos,
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão :
Muda-se a sorte dos brutos ;
So a minha sorte não?

Nem um dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto ;
Depois das penas vem gôsto,
Depois de gosto afflicção :
Muda-se a sorte dos homens ;
So a minha sorte não?

Aos altos deoses movèrão
Soberbos gigantes guerra ;
No mais tempo o ceo e a terra
Lhes tributa adoração :
Muda-se a sorte dos deoses ;
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia ;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão :
Muda-se a sorte de tudo ;
So a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A verdade a vil traição :
Muda-se a sorte de tudo ;
So a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo ;
Mais me dará do que eu tinha ;
Tornarei a ver-te minha ;
Que feliz consolação !
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

LYRA V

Ja, ja me vai, Marília, branquejando
Louro cabelo que circula a testa ;
Este mesmo que alveja, vai cahindo,
E pouco ja me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos ;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão ;
As forças dos meus membros já se gastão ;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesão-me os pes e arrastão.

Se algum dia me vires d'esta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos :
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto ;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso verão as plantas seccão ;
Na primavera, que os mortaes encanta,
Apenas cae do ceo o frescô orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece ;
Mas logo que a doença faz seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente ou qual a planta,

No meio da desgraça que me altera :
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a primavera.

Si dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz e vida ás flores,
Que effeitos não farão em quem por elles
Sempre morreo de amores?

LYRA VI

Os mares, minha bella, não se movem ;
Que mal o Norte assopra ; nem diviso
Uma nuvem se-quer na esphera toda ;
O destro nauta aqui não é preciso ;
Eu so conduzo a náó, eu so modero
Do seu governo a roda.

Mas ah que o sul carrega, o mar se empola,
Rasga-se a vela, o mastaréo se parte !

Qualquer varão prudente aqui já teme ;
Não tenho a necessaria força e arte.
Corra o sabio piloto, corra e venha
Reger o duro leme.

Como succede á náó no mar, succede
Aós homehs na ventura, e na desgraça ;
Basta ao feliz não ter total demencia ;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da san prudencia.

Todo o ceo se cobrio ; os raios chovem ;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah não, não tardes ; vem, Marilia amada,
Toma o leme da náó, marêa o panno,
Vai a salvar no porto !

Mas ouço já de amor as sabias vozes :
Elle me diz que soffra, senão morro,
E perco então, si morro, uns doces laços ;
Não quero já, Marilia, mais soccorro ;
Oh ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços !

LYRA VII

You-me, ó bella, deitar na dura cama,
De que nem se-quer sou o pobre dono :
Estende sobre mim Morpheo as azas,
E vem ligeiro o somno.

Os sonhos, que rodeão a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéa;
Não pintão cadafalsos, não; — não pintão
Nem uma imagem fêa.

Pintão que estou bordando um teu vestido;
Que um menino com azas, cego e louro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de ouro.

Pintão que entrando vou na grande igreja;
Pintão que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te á branca face a côr mimosa,
A viva côr do pejo.

Pintão que nos conduz dourada sege
A nossa habitação; que mil amores
Desfolhão sobre o leito as molles folhas
Das mais cheirosas flores.

Pintão que d'esta terra nos partimos;
Que os amigos saudosos e suspensos
Apertão nos inchados, rouxos olhos
Os ja molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flor da minha idade;
Que descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a gran cidade.

Pintão leve escaler, e que na prancha

O braço já te offereço reverente;
Que te aponta co' o dedo, mal te avista,
Amontoada gente.

Aqui, — Alerta! — grita o máo soldado;
E o outro, — Alerta estou! — lhe diz gritando:
Acórdo com a bulha, e então conheço
Que estava aqui sonhando!

Si o meu crime não fosse so de amores,
A ver-me delinquente, réo de morte,
Não sonhára, Marilia, so contigo,
Sonhára de outra sorte.

LYRA VIII

De que te queixas,
Lingua importuna?
De que a fortuna
Roubar-te queira
O que te deo?
Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catões á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeo :
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vis nasceram,
Nem mereceram,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens e os damnos,
E a quem se devão
Nunca escolheo.
Este foi sempre
O genio seu.

A quanto é justo
Jamais se dobra,

Nem igual obra
C'os mesmo deoses
Do claro ceo.
Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe aõ ceo Venus
N'um carro ufano;
E cae Vulcano
Da pura esphera,
Em que nasceo.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra e virtude :
Que o mais é d'ella,
Mas isto é meu.
Este foi sempre
O genio seu.

LYRA IX

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réo, abrigo
A candida virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro,
Ah vem m'ó dar agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso,
Deixa que viva a perfida calúnia,
E forge o meu tormento :
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra dourada,
E toca um pouco n'ella :
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bella ;
Enche todo o contorno de alegria ;
Não soffras que o desgosto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom cantor havia,
Que os brutos amansava ;
Que os troncos e os penedos attrahia :
De outro destro cantor tambem affirma
A sabia antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De uma grande cidade.

Orpheo as cordas fere;
O som delgado e terno
Ao rei Plutão abranda,
E o deixa, que penetre o fundo averno.
Ah tu a nem um cedés, meu Glauceste,
Na lyra e mais no canto;
Pódes fazer prodigios,
Obrar ou mais ou tanto.

Levanta pois as vozes;
Que mais, que mais esperas?
Consola um peito afflicto;
Que é menos ainda, que domar as féras.
Com isto me darás no meu tormento
Um doce lenitivo;
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

LYRA X

Eu vejo, ó minha bella, aquelle numen,
A quem o nome derão de fortuna ;
 Pega-me pelo braço,
 E com voz importuna
 Me diz que mova o passo ;
Que entre no grande templo em que se encerra
 Quanto o destino manda,
 Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas n'elle encontro!

Eu vejo a pobre fundação de Roma;

Vejo-a queimar Carthago;

Vejo que as gentes doma;

E vejo o seu estrago.

La florece o poder do assyrio povo;

Aqui os Médos crescem,

E os perde um braço novo.

Então me diz a Deosa : — E que pertendes?

Todas estas medalhas vêr agora?

Ah não, não sejas louco!

Espaço de annos fôra

Para isso ainda pouco :

Deixa estranhos successos, vem commigo;

Vêrás quanto inda deve

Acontecer contigo. »

Levou-me aonde estava a minha historia,

Que toda me explicou com modo e arte.

— Tirei-te libras de ouro,

Me diz, e quero darte

Todo aquelle thesouro.

Não suspira por bens um peito nobre :

Sevéro lhe respondo,

— Vivo afeito a ser pobre.

Aqui me enruga a deosa irada a testa,
E fica sem falhar um breve espaço.

— Alegria, alegria o rosto,
Prosegue, alli te faço
Restituir o posto. —

Respondo em ar de mofa, e tom sereno :

— Conheço-te, fortuna,
Posso morrer pequeno.

— Aqui te dou, me diz, a tua amada! —

Então me banho todo de alegria.

— Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.

— É esse o bem, respondo, que me move,
Mas este bem é santo,
Vem so da mão de Jove.

Queria mais fallar ; eu insoffrido

Desta maneira rompo os seus accents :

— Basta, fortuna, basta,
Estes breves momentos
La n'outras cousas gasta ;

Da minha sorte nada mais contemplo. »

E, chamando Marília,
Suspiro, e deixo o templo.

LYRA XI

A estas horas
Eu procurava
Os meus amores;
Tinhão-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria,
Inda esfregando

Os olhos bellos,
Sem flor, nem fita,
Nos seus cabellos.

Ah que assim mesmo
Sem compostura,
É mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Um ar mais leve,
Que doce effeito!
Ja respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva.

Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha ;
Então brincando
A minha a unia ;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu so com ella
É que fallava,
Ria-se a furto,
E disfarçava.

D'esta maneira
Nos castos peitos,
De dia em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas r'ocas,
Em que fiava !

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho :

Na quente sésta,
D'ella defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava ;
Então vaidoso
Assim cantava :

— Não ha pastora,
Que chegar possa
Á minha bella,
Nem quem me iguale
Tambem na estrella ;

« Se amor concede
Que eu me recline

No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito.

« Ornãø seu peito
As sans virtudes,
Que nos namorãõ;
No seu semblante
As graças morãõ. »

Assim vivia :
Hoje em suspiros
O canto mudo!
Assim, Marília,
Se acaba tudo!

LYRA XII

Se acaso não estou no fundo averno,
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante e terno,
As afflicções tyrannas, que aos precitos
Arbitra Rhadamântho em justa pena
Dos barbaros delictos.

! As furias infernaes, rangendo os dentes,

Com a mão escarnada não me applicão
As raivosas serpentes ;
Mas cercão-me outros monstros mais irados :
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
Dê mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha
Ou em mover a roda ;
Mas tenho ainda mais cruel tórmento :
Por cousas que me affligem, roda e gyra
Cansado o pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
As tépidas entranhas não me come
Um abutre esfaimado ;
Mas sinto de outro monstro a crueldade :
Devora o coração que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as águas vejo,
Que de mim se retirão quando busco
Fartar o meu desejo ;
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
N' esta alma o teu retrato.

Estou no inferno, estou, Marilia bella;

E n'uma cousa so é mais humana

A minha dura estrella :

Uns não pôdem mover do inferno os passos;

Eu pertendo voar e voar cedo

Á gloria dos teus braços.

LYRA XIII

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua ;
O credulo mortal agora indaga
Qual seja a sorte sua !

Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,
E n'ella orvalhe o ceo de madrugada,
Para ver se rebentão novas folhas
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo; que despeje
Dentro d'um cópo d'agua, e possa n'ella
Fingir palacios grandes, altas torres,
E uma não á véla.

Mas ah em bem me lembre! Eu tenho ouvido
Que na bócca um bochecho d'agua tome;
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir um nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, é esse
O nome, que a de ter a minha amada :
Póde verdade ser; se for mentira
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena :
Despejo logo a boca : ah não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece cupido : então soltando
Em ar de zombaria uma risada,
— E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi bem pregada?

« Eu ja te disse, que Marilia é tua :

Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar o que te ensina
Velha mulher ja tonta. »

Humilde lhe respondo : — Quem debaixo
Do açoite da fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que so são brinquedos,
Se agourão males, teme.

LYRA XIV

Ah Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma aldêa,
Que tyrannos não proponhão
Á ainda inquieta idéa
Uma imagem de afflicção.

Mandarás aos surdos deoses
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás : « Aqui trazia
Dirceo tambem o seu gado. »
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da bránca mão.
Mandarás aos surdos deoses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,
Sem queres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha,
A minha pobre morada ;
Tu dirás então contigo :
— Alli Dirceo esperava
Para me levar comsigo ;
E alli soffreu a prizão.
Mandarás aos surdos deoses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente

Do caro Glauceste a choça,
Onde alegre se junctavão
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa chêa :
— Todo o congresso alli anda,
So. o meu amado não.
Mandarás aos surdos deoses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás : Não foi tyranna
Sómente comigo a sorte ;
Tambem cortou deshumana
A mais fiel união.
Mandarás aos surdos deoses
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido,
Eu não vejo imagens d'estas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas

Dos inchados, rouxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.
Tambem mando aos surdos deoses
Tristes suspiros em vão.

LYRA XV

+

—

•

Vês, Marilia, um cordeiro
De flores enramado,
Como alegre corre
A ser sacrificado?

O povo para o templo ja concorre :
A pyra sacro-santa ja se accende :
Fere-o o ministro e elle bala e morre.

Vês agora o novillo,
A quem segura o laço?
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover um passo;
Não conhece que sáe de um máo terreno;
Que o forte pulso que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte;
Um vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte :
Nós temos, minha bella, igual demencia;
Não sabemos os fins com que nos move
A sábia, occulta mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os máos matar quizerão :
De conselho mudárão :
Como escravo o vendêrão :
José não corre a ser um servo afflicto ;
Vai subindo os degráos, por onde chega
A ser um quasi deos no grande Egypto.

Quem sabe se o destino
Hoje, ó bella, me prende,

So porque n'isto de outros
Mais damños me defende?
Póde ainda raiar um claro dia,
Mas quer raie, quer não, ao ceo adoro,
E beijo a sancta mão que assim me guia.

LYRA XVI

Alma digna de mil avós augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cahir os justos ;
Honras as sanctas leis da humanidade ;
E os teus exemplos deve
Gravar com letras de ouro no seu templo
A candida amizade.

Não é, não é de heróe uma alma forte,
Que ve com rosto enxuto
No seu igual a morte;
Não é tambem de heróe um peito duro,
Que a sua gloria firma
Em que lhe não resiste ao ferro e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado chefe me namora,
Quando ve a cabeça
Do bom Pompeo e'lhora!
É grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, capitão piedoso,
Entre os heróes do Mundo
Um nome glorioso,
Não é, porque levanta uma cidade;
É sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao pai, a quem detinha
A mão da longa idade.

Si ao meu contrario entre chammas vira
Eu mesmo, sim, da morte

Aos hombros o remira :
Inda por elle muito mais obrára :
E se nada servisse,
Fizera então, amigo, o que fizeste;
Gemêra e suspirára.

Oh quanto são duraveis as cadéas
De uma amizade, quando
Se dão iguaes idéas!
Se apezar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se o caro amigo te merece tanto,
La lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.
Ah sim, honrado amigo,
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Prantêa então com ella.

LYRA XVII

Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Uns tristes gemidos,
Repara, Marília,
Verás, que são meus.
Ah! dá-lhes abrigo,
Marília, nos peitos;
Aqui os conserva

Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvil-os movido,
Os pede a cupido,
Que a todos apanha,
E la t'os vai pôr.
Ah não os desprezes,
Porque se conspira
O ceo em meu damno,
E a gloria me tira
De honrado pastor.

Tem estes suspiros
Motivo dobrado :
Perdi o meu gado ;
Perdi, que mais vale,
O bem de te ver.
Se os não receberes,
Amante por ora,
Por serem de um triste,
Os debes, pastora,
Por honra acolher.

Virá, minha bella,

Virá uma idade,
Que, vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.
Os crimes deshonrão,
Se são existentes;
Os feios, que opprimem
As mãos innocentes,
Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos :
Então mandaremos
De gôsto e ternura
Suspiros aos ceos.
Pôr-me-hão no sepulcro
A honrosa inscripção :
— Se teve delicto,
So foi a paixão,
Que a todos faz réos. »

LYRA XVIII

Eu, Marília, não fui nem um vaqueiro,
Fui honrado pastor da tua aldêa ;
Vestia finas lans, e tinha sempre
A minha choça do preciso chêa.
Tirarão-me o casal e o manso gado ;
Nem tenho a que me encóste um so cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria

le mór rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos,
Ainda muito mais que um grande throno.
Agora que tẽ offerte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuizo,
Tu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gôsto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me a dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de pãpoulas na floresta;
Julgou o justo ceo que não convinha
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah minha bella, se a fortuna volta,
Se o bem, que ja perdi, alcanço e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no ceo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho ;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marilia ou so que as veja.

Se não tivermos lã e pelles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal curtidas,
E os pannos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas e com cestos os peixinhos :
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
Co'os filhos, se os tivermos, á fogueira :
Entre as falsas historias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira :

Pasmados te ouvirão; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos junctos pela rua,
Nos mostrarão co' o dedo os mais pastores;
Dizendo uns para os outros : — Olha os nossos
Exemplos da desgraça e sans amores. —
Contentes viveremos d'esta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

LYRA XIX

Vejo, Marilia,
Que o nédio gado
Anda disperso
No monte e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado
Que a perder chega
O seu pastor;

Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros ;
Porque perdêrão
Um pai no amor ;
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço,
Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade ;
Que a mão lhe falta
Do lavrador ;
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe

A minha idea,
Que tu ficaste
La nessa aldêa,
De mil cuidados
E mágoa chêa,
Das paixões minhas
Não sou senhor ;
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte !
Peza-me a vida,
Dezejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a cupido
Por um traidor ;
Eu ja não soffro
A viva dôr.

Mas este excesso
Perdão merece,
E d'elle Jove
Se compadece ;
Que Jove, ó bella,

Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor;
Eu ja não soffro
A viva dôr.

LYRA XX

Dirceó te deixa, ó bella,
De padecer cansado ;
Frió suor ja banha
Seu rosto descorado ;
O sangue ja não gyra pela vêa,
Seus pulsos ja não batem,
E a clara luz dos olhos se bacêa :
A lagrima sentida ja lhe corre ;
Ja pára a convulsão, suspira e morre.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro :
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro ;
Aos severos jūizes se apresenta,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa ;
Enche-se de ternura e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre um pasmado a bocca,
E a pedra não despede ;
Outro ja não se lembra
Da fome e mais da sede ;
Descansa o curvó bico e a garra impia
Negro abutre esfaimado ;
Nem na róca medonha a parca fia ;
Até as mesmas furias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Ja votão os jūizes ;
E o rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que morão
Almas dignas de pena ;
Ja sahe do escuro reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto

Ou póde dar-lhe mágoa ou dar-lhe gloria.
So, bem que o gôsto as turvas aguas tome,
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra ja nos Elysios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortão,
Que cobrem sempre as rosas.

Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as aguas puras,
Do que o mel, do que o leite mais suaves.
— Aqui, diz elle, espero a minha bella ;
Aqui contente viverei com ella.

« Aqui... » Porém aonde
Me leva a dôr activa?
É illusão d'esta alma ;
Jove inda quer que eu viva ;
Eu devo sim gozar teus doces laços ;
E em paga de meus males,
Devo morrer, Marilia, nos teus braços ;
Então eu passarei ao reino amigo,
E tu irás depois la ter commigo.

LYRA XXI

Não mólho, Marília,
De pranto a masmorra
Que o terno cupido
Não vôle e não corra,
A il-o apanhar;
Estende-o nas azas,
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai-t'ó levar.

Se o moço não mente,
Os tristes gemidos,
Os ais lastimosos
Os guardas unidos,
Marilia, co'os teus ;
As lagrimas nossas
No seio amontoa,
Forma azas, e voa,
Vai pol-as nos ceos.

A deosa formosa
Que amava aos Troyanos,
Livial-os querendo
De riscos e damnos,
A Jove buscou ;
As aguas, que o rosto
Da deosa banhárão,
A Jove abrandárão,
Assim os salvou.

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove,
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com anciás de amor ;

O pranto de Venus,
Que obrou no pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

LYRA XXII

X

—

N'esta triste masmorra,
De um semivivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura ;
Amor na minha idéa te retrata :
Busca extremoso que eu assim resista
Á dôr immensa que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero
Então mais vivamente te diviso :
Vejo o teu rosto e escuto
A tua voz e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos ;
Eu beijo a tibia luz em vez de face ;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha ;
A violencia da mágoa não supporto ;
Foge-me a vista e caio.
Não sei se vivo ou morto ;
Enternece-se amor de estrago tanto ;
Reclina-me no peito e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de um defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto ;
Conheço então que amor me tem comsigo ;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo :

— Se queres ser piedoso,
Procura o sitio em que Marilia móra,

Pinta-lhe o meu estrago,

E ve, amor, se chora.

Se lagrimas verter, se a dôr a arrasta,

Uma d'ellas me traze sobre as pennas,

E para allivio meu so isto basta. »

LYRA. XXIII

Se me visses com teus olhos
N'esta masmorra mettido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido :
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teu pezar?

À força da dôr cedéra,

E nem estaria vivo,
Se o menino deos vendado,
Extremoso e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva ;
O meio dia tem dado,
E o cabello inda fluctua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar !

Diz-me cupido : — E Marilia
Não estima este cabello?
Se o deixas perder de todo,
Não se ha de enfadar ao vel-o? —
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem um taboleiro entrando
De varios manjares cheio ;
Põe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio :
De todo o comer esfria,
Sem n'elle poder tocar.

« Eu entendo que a matar-te.
Diz amor, te tens proposto ;
Fazes bem : terá Marilia
Desgosto sobre desgosto. »
Qual enfermo c' o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas, Marilia,
Em que o sol ja se tem posto ;
Vem-me á memoria que n' ellas
Vi á janella teu rosto :
Reclinto na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me cupido : — Ja basta,
Ja basta, Dirceo, de pranto ;
Em obsequio de Marilia
Vai tecer teu doce canto. —
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o forçado accender-me
A velha, suja candêa ;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste e mais fêa.

Nem mais canto, nem mais posso
Uma so palavra dar.

Diz-me cupido : — São horas
De escrever-se o que está feito : —
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ageito ;
Tomo o páo que penna finge,
Vou as lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono,
Canta o gallo a vez terceira ;
E eu digo a amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira :
Faço mimos e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide,
Que hei de ver Marilia em sonho ;
Não respondo uma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados

Resistir, ó minha bella,
Quem não tem de amor a graça;
Se eu, que vivo á sombra d'ella,
Inda vivo d'esta sorte,
Sempre triste a suspirar?

LYRA XXIV

Que diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra immunda e fêa,
D'essas horas felices já passadas
Na tua patria aldêa !

Então eu me ajunctava com Glauceste ;
E á sombra de alto cédro na campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
Á sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata;
O écho agora diz : Marilia terna;
E logo : Eulina ingrata.

Deixão os mesmos satyros as grutas;
Um para nós ligeiro move os passos;
Ouve-nos de mais perto e faz a flauta
Co'os pés em mil pedaços.

— Dirceo, clama um pastor, ah bem merece
Da candida Marilia a formosura!

— E aonde, clama o outro, quer Eulina
Achar maior ventura?

Nem um pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha amada, só findava
Ao acabar-se o dia.

Á noite te escrevia na cabana
Os versos que de tarde havia feito;
Mal t'os dava e os lias, os guardavas
No casto e branco peito.

Beijando os dedos d'essa mão formosa,

Banhados com as lagrimas do gòsto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marilia, não as canto;
Mas inda vale mais que os docès versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXV.

•

Por morto, Marília,
Aqui me reputo :
Mil vezes escuto
O som do arrastado
E duro grilhão ;
Mas ah que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

A chave la sôa
Na porta segura :
La abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas ah que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Ja o Torres se assenta ;
Carrega-me o rosto ;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a razão ;
Mas ah que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes,
Nas cruzes pendentes
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão ;
Mas ah que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão ;
Marilia, ja treme,
Ja treme de susto
O meu coração.

Repara, Marilia,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado,
De amor a paixão ;
Marilia, ja treme,
Ja treme de susto
O meu coração.

LYRA XXVI

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão que lança os ferros;
Não traz debalde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de juiz, virtudes de homem
As mãos se derão; no seu peito morão;
Manda prender ao réo austera a bocca,
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a viltalumnia,
Quê culpa aquelle tem, que applica a pena?
Não é o julgador, é o processo,
E a lei quem nos condemna.

Só no averno os juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano,
Aqui todos confessão suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as furias affligindo aos tristes :
Chega uma o fogo e outra as serpes move;
Todos maldizem sim a sua estrella,
Nem um accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande chefe,
Bem que a prizão me dá, que eu não mereço ;
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassallo que julga delinquente,
Que gôsto não terá, podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos

Nas sans virtudes que no peito abrigas :
Não honras tam-somente a quem premeias,
Honras a quem castigas.

LYRA XXVII

Eu vou, Marilia, vou brigar co'as feras!

Uma soltarão; eu lhe sinto os passos;

Aqui, aqui a espero

N'estes despídos braços.

È um malhado tigre : a mim ja corre,

Ao peito o apêrto, estalão-lhe as costellas,

Desfallece, cahe, urra, treme e morre

Vem agora um leão : sacode a grenha ;
Com faminta paixão a mim se lança ;
 Venha embora ; que o pulso
 Ainda não se cansa ;
Opprimo-lhe a garganta ; a lingua estira ;
O corpo lhe fraquea ; os olhos inchão ;
Açouta o chão convulso, arqueja e expira.

Mas que vejo, Marilia, tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
 Expõem a minha vida
 No circo dos Romanos?
Com ursos e com onças eu não luto :
Luto co' o bravo monstro que me accusa,
Que os tigres e leões mais fero e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada ;
 Uma alma, qual eu tenho,
 Não se recea a nada ;
Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah quando imaginar, que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo,

Hei de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo ;
Eu então lhe direi — Infame, indigno,
Obras como costuma o vil humano ;
Faço, o que faz um coração divino.

LYRA XXVIII

Minha Marilia,
O passarinho,
A quem roubarão
Ovos e ninho,
Mil vezes pausa
No seu raminho ;
Piando finge
Que anda a chorar,
Mas logo vòa

Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitéla,
Tambem nos mostra
Que se desvéla;
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar;
Em poucos dias,
Ao que parece,
D'ella se esquece,
E vai pastar.

O voraz tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos reinos
Devora o nome;
Tambem Marília,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.
Ah! só não póde

Ao meu tormento
Por um momento
Allivio dar.

Tambem, ó bella,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa :
Derrete ao bronze ;
Sendo excessiva,
Ao mesmo seixo
Faz estalar ;
Mas do amianto
A fibra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em linguas,
Ás nuvens chegue,
Á força d'agua
Se ha de apagar ;
Se a negra pedra

Nós accendemos,
Com agua a vemos
Mais s'inflammar.

O meu discurso,
Marilia, é recto :
A peņa iguala
Ao meu affecto ;
O amor, que nutro
Ao teu aspecto,
E ao teu semblante,
É singular.
Ah nem o tempo,
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Póde acabar.

LYRA XXIX

Aquelle, a quem fez cégo a natureza,
Co'o bordão palpa e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dous remedios juncta!

De ser céga a fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que ma céga seja :
Céga que nem pergunta, nem apalpa,
Porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos,
Ella, Marilia, faz de um sceptro dono :
Cria n'um pobre berço uma alma digna
De se sentar n'um trono.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de um thesouro ;
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o ouro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,
Que atraz do vicio em liberdade corra ;
Eu amo as leis do imperio, e ella me opprime
N'esta tam vil masmorra.

Mas ah minha Marilia, que esta queixa
Co'a solida razão se não coaduna ;
Como me queixo da fortuna tanto,
Se sei não ha fortuna?

Os fados, os destinos, essa deosa,
Que os sabios fíngem que uma roda move,
É so a occulta mão da Providencia,
A sábia mão de Jove.

Nós é que somos cegos que não vemos

A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
Co' o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
É muito mais honroso.

LYRA XXX

A minha amada
É mais formosa,
Que branco lyrio,
Dobrada rosa,
Que o cinnamomo,
Quando matiza
Co'a folha a flor;
Venus não chega
Ao meu amor.

Vasta campina
De trigo chêa,
Quando na sésta
Co' o vento ondea,
Ao seu cabelo,
Quando fluctua,
Não é igual;
Tem a côr negra,
Mas quanto val i

Os astros que andão
Na esphera pura,
Quando scintillão
Na noite escura,
Não são, humanos,
Tam lindos como
Seus olhos são;
Que ao sol excedem
Na luz que dão.

Ás brancas faces,
Ah não se atreve
Jasmim de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O sol brilhante

Com seu calor!
São neve causão
No peito ardor.

Na breve bocca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beijos
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se não lhe dêsse,
Compadecido,
Tanto soccorro
O deos cupido:
Se não vivèra
Uma esperança
No peito seu:
Ja morto estava
O bom Dirceo.

Vè quanto póde
Teu bello rosto:

E de gozal-o
O vivo gosto,
Que submergido
Em um tormento
Quasi infernal,
Porqu'inda espero,
Resisto ao mal.

· LYRA XXXI

Detem-te, vil humano;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.

O sumo, que ellas dão, é pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajuncta ahi venenos,

Que nunca visse o mundo ;
Traz o negro licor que tem nos dentes,
Nos dentes denegridos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado
Que pôz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta ;
Bem que uma e outra onda
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, aferra,
Não teme ao furacão mais violento ;
E menos, se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco e rocha, ó bella,
Que açouta o sul que brama,
E o mar que se encapella :
Não temas que do rosto a côr se mude ;
Vence as rochas e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura :
O cobarde a morrer também caminha ;
Com que males não póde
Uma alma como a minha ?

LYRA XXXII

X —

Eu descubro procurar-me
Um gentil mancebo e louro ;
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde louro :
Vejo ser o pai das musas,
E me entrega a lyra d'ouro.

« — Ja basta, me diz, ó filho,
Ja basta de sentimento ;

O cansado peito exige
Um breve contentamento :
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento. »

Firo as cordas ; mas que importa ?
A dôr não socega em tanto :
Ergo a voz ; então reparo
Que quanto mais corre o pranto,
É mais doce e mais sonoro
Meu terno e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão que regia o braço ;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir um largo espaço,
Assim diz : « — O deos cupido,
Faz inda mais, do que eu faço.

« Eu te dou a minha lyra :
Louva, louva a tua bella ;
Porém ve que ta concedo
Com condição e cautella... »
Eu lhe córto a voz dizendo,
Que so canto em honra d'ella.

LYRA XXXIII

O pai das musas,
O pastor louro
Deo-me, Marilia,
Para cantar-te
A lyra de ouro.

As cordas firo;
O brando vento

Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

« — O teu cabelo
Vale um thesouro,
Um so me adorna
A sábia frente
Melhor que o louro.

« Nesses teus olhos
Amor assiste;
D'elles faz guerra;
Ninguem lhe foge,
Ninguem resiste.

« Algumas vezes
Eu o diviso
Tambem occulto
Nas lindas cóvas,
Que faz teu riso.

« Nesses teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros amores;

N'elles se gerão
Os cupidinhos.

« Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Porque mais prenda
Ao fero Marte. »

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vis cadêas.

Dou um suspiro,
Corre o meu pranto ;
E, inda bebendo
Lagrimas tristes,
De novo canto :

« — Sou da constancia
Um vivo exemplo :
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De amor o templo. »

LYRA XXXIV

Roubou-me, ó minha amada, a sorte impia
Quanto de meu gozava
N'um so funesto dia;

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada choça.

Metteo-me n'esta infame sepultura,
Que é sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha amada, nem consigo
Venha outro desgraçado
Sentir tambem comigo.

Mas se esta companhia não mereço,
Os deoses me dão outra,
Ainda de mais apreço.

Não é, não, illusão o que te digo ;
Tu mesma me acompanhas ;
Peno, mas é contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao potro,
Bem que na cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,

Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas,
Uma por uma beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal e fino.

De novo a carta ao coração apêrto,
De novo a mólha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah leve muito embora o duro fado
A tudo, quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não sentirão,

Os que te amão, sómente
Porque menos te ouvirão?

Dê pois aos mais seus bens a deosa céga;
Que eu tenho aquella gloria,
Que a mil felices nega.

LYRA XXXV

Não has de ter horror, minha Marília,
De tocar pulso, que soffreo os ferros?
Infames impostores m'os lançarão,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah não foi uma vez, não foi so uma,
Que em defeza dos bens que são do estado,
Moveo a sábia pluma.

Ê certo, minha amada, sim é certo
Qu'eu aspirava a ser de um sceptro o dono ;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

As forças, que se oppunhão, não batião
Da grossa peça e do mosquete os tiros ;
So erão minhas armas os soluços,
Os rogos e os suspiros.

De cuidados, desvelos e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros ;
Não tinha no meu campo estranhas tropas ;
Que amor não quer parceiros.

Mas póde ainda vir um claro dia,
Em que estas vís algemas, estes laços
Se mudem em prizões de allivios cheias
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi : — Eu sou monarca ;
Dou leis, que é mais, n'um coração divino ;
Solio que ergueo o gosto, e não a força,
Ê que é de apreço dino.

LYRA XXXVI

λ

—

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento.

Ah não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propicio :
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe;
Procura o porto da Estrella,
Sobe á serra, e se cansares
Descansa n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada,
Na igreja nova que fica
Ao direito lado e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra n'essa grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Uma rasgada janella,
E da sala, aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições e modos.

O seu semblante é redondo,

Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A bocca risonha e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize que sou quem te mando,
Que vivo n'esta masmorra,
Mas sem allivio penando.

LYRA XXXVII

x

Se o vasto mar se encapella,
E na rocha em flor rebenta,
Grossa náó que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta ;
Até que naufraga e corre
Á discrição da tormenta.

Quem não tem uma belleza,
Em que ponha o seu cuidado ;

Se o ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encósto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo :
Ah que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo !

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada ;
A face de um pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada ;
Os amigos macilentos,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado ;
Vejo n'uma grande praça
Um theatro levantado ;
Vejo as cruces, vejo os potros,
Vejo o alfange afiado.

Um frio suor me cobre,
Laxão-se os membros, suspiro ;
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro ;
Ja, meu bem, ja me parece
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta ;
Qual o sol que a nevoa espalha
Apenas a terra aqueenta ;
Ou qual iris, que o ceo limpa,
Quando se ve na tormenta :

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão e demencia ;
Faz de novo o seu officio
A razão e a prudencia ;

E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sobe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto :
Ve, Marilia, o quanto póde
Contra meus males teu rosto.

LYRA XXXVIII

Eu vejo aquella deosa,
Astréa pelos sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada :
O vêl-a não me causa um leve abalo,
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar e assim lhe fallo :

— Qual é o povo, dize,
Que commigo concorre no attentado?
Americano povo!
O povo mais fiel e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do luso throno.

Eu vejo nas historias
Rendido Pernambuco aos Hollandezes;
Eu vejo saqueada
Esta illustre cidade dos Francezes;
Lá se derrama o sangue brazileiro;
Aqui não basta, suppre
Das roubadas familias o dinheiro... »

Em quanto assim fallava,
Mostrava a deosa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo e acceso rosto :
Não suspendo comtudo no que digo;
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo e assim prosigo :

— Acabou-se, tyranna,
A honra, o zelo deste luso povo?™

Não é aquelle mesmo,
Que estas acções obrou, é outro novo?
E pôde haver direito que te mova
A suppôr-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

« Ha em Minas um homem,
Ou por seu nascimento ou seu thesouro,
Que aos outros mover possa
Á força de respeito, á força d'ouro?
Os bens de quantos julgas rebellados
Podem manter na guerra
Por um anno, se quer, a cem soldados?

« Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção d'estas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito e louco?
E quando a commissão lhe confiasse,
Não tinha pobre somma
Que por paga ou esmola lhe mandasse!

« Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-hião buscar socios
Na Colonia tambem ou na Bahia?

Está voltada a côrte ~~brazileira~~
Na terra dos Suissos,
Onde as potencias vão erguer bandeira?

« O mesmo auctor do insulto
Mais a riso do que a temor me move;
Deo-lhe n'esta loucura,
Podia-se fazer Neptuno ou Jove.
A prudencia é tratál-o por demente,
Ou prendel-o e entregal-o
Para d'elle zombar a moça gente. »

Aqui, aqui a deosa,
Um extenso suspiro aos ares solta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta.
— Tu te irritas! lhe digo, e quem te offende?
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim; socega, attende.

« E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Com as suas proprias armas consternado!
Achas tambem que sou tão pouco esperto,

Que um bem tam contingente
Me obrigasse a perder um bem ja certo?

« Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia?
Ja viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto e todo o meio?

« Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A mais formosos campos me convida?
Não me unira, se os houvesse, aos vís traidores :
D'aqui nem ouro quero;
Quero levar sómente os meus amores.

« Eu, ó céga, não tenho
Um grosso cabedal dos mais herdado :
Não o recebi no emprego,
Não tenho as instrucções d'um bom soldado,
Far-me-ião os rebeldes o primeiro
No imperio que se erguia
Á custa do seu sangue e seu dinheiro? »

Aqui, aqui de todo
A deosa se perturba e mais se altera;
Morde o seu proprio beijo;
O sitio deixa, nada mais espera.
— Ah vai-te, então lhe digo, vai-te embora! »
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse comtigo mais esta hora.

SONETO

Obrei quanto o discurso me guiava,
Ouvi aos sabios quando errar temia;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como iguaes tratava.

Julgando os crimes nunca os votos dava,
Mais duro ou pio do que a lei pedia;
Mas devendo salvar ao justo ria,
E devendo punir ao réo chorava.

Não forão, Villa Rica, os meus projectos
Metter em ferreo cofre copia d'ouro,
Que farte aos filhos e que chegue aos netos :

Outras são as fortunas que me agouro;
Ganhei saudades, acquiri affectos;
Vou fazer d'estes bens melhor thesouro.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

MARILIA DE DIRCEU

PARTE III

LYRA I

Como alegre vem nascendo
A serena madrugada!
Ja da aurora a luz dourada
Duvidosa vem raiando.

E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

O suave rouxinol
Ja desampara o seu ninho ;
E no torcido raminho
Namorado está cantando.

E tu descansando ,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa !

O sollicito pastor
La sáe do pobre agasalho ;
E pelo rude trabalho
O descanso vai deixando.

E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa !

Ainda a luz matutina
Co'a noite s'equivocava ;
Ja eu, ó Marilia, estava
Pelo teu nome chamando,

E tu descansando,

Marilia formôsa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

Não penses que desgostoso,
Queixas fórmo contra amor;
Mil canções em teu louvor
Brandamente estou cantando.

E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

Canto ao som da minha lyra
Tua rara perfeição,
Com que amor doura o grilhão,
Que alegre vou arrastando.

E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa!

Mas que sobresalto! Eu vejo
No prado andar uma estrella!

Ah não, é Marília bella,
Que para mim vem chegando.

Delicias deixando,
Marília formosa,
Vem meiga escutar
Minha voz saudosa.

LYRA II

N'uma escura gruta,
Funebre e sombria,
Onde entrar não póde
Esplendor do dia,

O mago Sileno
Sosinho habitava :
E n'ella de amor
Mysterios sondava.

O terno Dirceo
A este sitio corre :
Dirceo, que amores
Por Marilia morre

Eis que ao sitio chega
Que horrores exhala :
D'esta sorte ao mago
Tremenda lhe falla :

« — Oh tu, gran Sileno,
Que á força d'encanto
Tornas em prazer
D'amantes o pranto :

Dize-me, se tanto
Poder em ti ha :
A minha Marilia
Constante será? »

« — Basta » diz o mago ;
E sem se deter,
Em um livro pega,
E se pôz a lêr.

Ossos serpentinos,

Seccos e mirrados,
A arder logo põe
Feitos em bocados.

Eis que o fogo accende,
Esparge no fumo
D'hervas venenosas
Pestifêro sumo.

Tres vezes invoca
D'Erycina o nome,
Em quanto a materia
O fogo consome.

Apenas s'extingue,
Estrondo s'escuta;
Que até de temor
Estremece a gruta.

Em nuvem dourada
Amor apparece,
Que com mão mimosa
Uma corôa tece.

« — Escuta, Dirceo,
Amante feliz ; »

Com uma voz divina
Amor então diz :

« Mais firme, que a rocha
Dós ventos soprada,
Marilia será
Por Dirceo amada. »

LYRA III

Leo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada ;
Adeos, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? Irei morrer.

Que va para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi ;

E a pena que então senti,
Justos ceos, não sei dizer!
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? Irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma; e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de vêr.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento;
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dôr;
Mas sim vêr que o meu amor
Tal fim havia de ter.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te quefer.
Ausente de ti, Marília,
Heide amar-te até morrer.

LYRA IV

Que vezes julga que morre
Um naufragante no mar;
E então a sorte o soccorre,
Levando-o a salvação!
So eu na escura prisão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Lutando com a pobreza,
Vive o mortal indigente;
Té que a pródida riqueza
O tira da precisão.
So eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Combatendo o inimigo
Encontra o soldado a sorte,
Que o livra de todo o p'riço
Na mais arriscada acção.
So eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Ao som do pezado ferro
Chora o triste degradado;
Té que o livra do desterro
Uma poderosa mão.
So eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

No carcere ou no degredo,
Na doença ou na pobreza,
Ou la mais tarde ou mais cedo
Todos tem cónsolação.
Tambem eu nesta prizão,
Aonde morrendo vivo,
É Marilia o lenitivo
Na minha dura afflicção.

LYRA V



Fulgidas estrellas
Logo s'amortecem
Tanto que apparecem
De Titão os raios.

Tambem se Marilia
Mostra a face pura,
Toda a formosura
Padece desmaios.

Seu lindo-rostto
Encantador
É doce paga
Do meu amor.

LYRA VI

Vaidosa a fortuna
Da sua riqueza,
De amor escarnece
A triste pobreza.

Risonho o conduz
Ao seu templo, aonde
Immensas riquezas
Dos mortaes esconde.

As portas do templo
De fino ouro são ;
E em rijos brilhantes
Cravadas estão.

Apenas que as ve
A deosa potente,
Qual o relampago,
Se abrem de repente.

Da parte de dentro
Se vem tão somente
Saphiras, rubins,
E o metal fulgente.

De um lado em cofres,
Que so d'ouro são,
Corôas e sceptros
Fechados estão.

E para outro lado
Espadas, bastões,
E corôas de louro
Estão aos montões.

Pelo chão sem numr'o

Rólão diamantes,
Pedras preciosas,
Metaes rutilantes.

Em eburneo throno,
Qual outro não ha,
A Deosa s'assenta
Se no templo está.

Em fúlgidos vasos
Ante o seu altar,
Gommas nabatheas
Ardem sem cessar.

A amor com vaidade
A deosa mostrava
Toda esta riqueza,
Quem em seu templo estava.

Depois com desdem,
Sorrindo lhe diz :
« — Então, meu menino,
Es tu tão feliz? »

O terno cupido
Que de raiva estala,

Á deosa voluvel
Desta sorte falla :

« — Se de ouro, nem pedras
Tu ves sou senhor :
Tambem tenho bens
De maior valor. »

Dizendo isto partem
Em vôo despedido
Ao templo, onde amor
Se venera em Gnido.

« — Agora verás,
Lhe diz, um thesouro,
Que val muito mais,
Que todo o teu ouro. »

Contente lhe mostra
Marilia engraçada,
De amantes desejos
Em torno cercada.

Eis que a deosa vê
Marilia formosa ;
Confessa a victoria,
E foge raivosa.

LYRA VII

Em quanto o sordido aváro
No seu thesouro empregado,
Sem cessar conta o dinheiro
Com mil usuras ganhado ;
Sem jamais descanso ter
Com o receio de o perder :

Em quanto no fragil vaso
Corta o nauta o salso mar,

Para de longinquas terras
Os cabedaes transportar;
Arriscandó n'esta lida
Co'a riqueza a propria vida :

Em quanto audaz general
Com ataques e sortidas
Manda á fria Libitina
Com a sua tristes vidas ;
So para fazer distincto
Seu nome de sangue tinto :

Eu á margem d'este rio
Onde o gado a pastar deito,
De Marilia a doce imagem
Conservo d'entro em meu peito :
E ao som da suave lyra
Canto idéas que me inspira.

LYRA VIII

Um dia que o gado
No prado guardava,
Amor me apparece
Com arco e aljava.

No tronco mais verde,
Que no prado houvesse,
Amor me mandou
Seu nome escrevesse.

Contente parti
Um tronco buscar,
Para n'elle as ordens
Prompto executar.

No tronco d'um freixo
Que viçoso vi,
Quiz gravar « amor »
« Marilia » escrevi.

Tanto que amor vê
O engano feliz,
O nome beijando
Alegre me diz :

« — Não temas, Dirceo,
Não mudes de côr;
N'esse doce nome
Escreveste amor. »

LYRA IX

Como correm brandamente
Da noite as horas sombrias!
Que manso murmurio fazem
D'este rio as aguas frias!

A negra tristeza,
Que o sitio produz,
Minha alma conduz
A mil agonias.

As opacas, grossas nuvens,
Que do Sul correndo vão,
A furto deixão raiar
Da lua o frouxo clarão.

A pallida luz,
Que a medo apparece,
Ah! quanto entristece
Esta solidão.

Noctivagas aves girão
N'este lugar pavoroso ;
E quanto é melancolico
O seu grasnido horroroso!

Seu funebre canto,
Cheio d'afflicção,
Faz meu coração
Mais triste e saudoso.

Em busca de infeliz preza,
Uns com os outros topando,
Andão carnivoros lobos
Pelos montes ululando.

E se acaso paixão

Por estes arbustos
Mil gélidos sustos
Me estão motivando.

Em fim, quanto vejo e sinto
N'esta triste solidão,
Tudo está reproduzindo
A mais horrida afflicção.

Funebres horrores,
Que causão espanto,
Meu lugubre pranto
Promovendo estão.

Mas se Marilia agora
N'este horror apparecia,
Depressa a noite mudava
Mais brilhante do que o dia.

Seus olhos formosos,
Que mil prisões tecem,
Aonde apparecem
Tudo é alegria.

LYRA X

A bella Cyth'rea
Do rosto claro
Lagrimas correm
Por ter perdido
O filho caro.

Ternos soluços
D'alma nascidos
A deosa exhala ;

E aos ares soberm
Com mil gémidos.

Aos ceos dirige
Amarga queixa :
E contra o filho
Que ama e não vê,
Assim se queixa :

Onde te escondes ?
Porque fugiste ?
Sem te lembrares
Venus ficava
Saudosa e triste.

Sem ti Adonis
Feio parece ;
Marte sem ti
Doces encantos
Me não merece.

Vem a meus braços,
Prenda querida ;
E sem demora
Vem a meu peito
Dar nova vida.

Debalde em Gnido
Vêr-te pensei ;
Em Chypre e Paphos
Da mesma sorte
Em vão busquei.

Ja que não ouves
O meu chamar,
Ao mesmo averno
Se p'ra la foste
Te irei buscar.

Qual veloz setta,
Que o ar sacode,
Venus partio
Buscando amor,
Que achar não póde.

Corre em vão todo
Reino da morte ;
Té que por fim
Junto a Marilia
A guia a sorte.

No seu cabello,

Que tem cahido,
Alegre a deosa
Encontra amor,
N'elle perdido.



LYRA XI

Ergástulo cruento
Onde não entra a aurora!
Pensas que a sombra tua
A vida me devora?
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que os teus ferros
Horribeis e pezados,

Me tem os rijos ossos
Com dores traspassados :
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que a tristeza
D'esta masmorra escura,
Me leva por momentos
Á fria sepultura :
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se o halito que deitas
Tu julgas que me empesta ;
Se pensas que a matar-me
Ja pouco ou nada resta :
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Si a falta de alimento,
Si a trabalhosa lida,
Tu pensas que me tirão
As forças para a vida :
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Si a pobre nudez minha
Tu julgas que me abate ;
E cuidas que me vence
Tão rigido combate :
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que essas Furias,
Alectos e Megéras,
Me podem dentro d'alma
Tirar d'amor as véras :
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que da sorte
O horrído governo
Me leva a cada passo
Ao tenebroso averno :
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Já que até agora,
Horrído canto
Cum turvo pranto
Soltei ao ar :

Por ti, Marília,
Vou suspirar.

Não são os ferros
Que me atormentão;
Nem mais augmentão
Este pezar.
Por ti, Marília,
Vou suspirar.

Tudo soffrêra,
Nada sentira,
Se aqui te víra
N'este lugar.
Por ti, Marília,
Vou suspirar.

So com teus olhos,
Breves instantes,
Dias brilhantes
Me pódes dar.
Por ti, Marília,
Vou suspirar.

Quando discorro

Que te não vejo,
Nem um bocejo
Posso formar :
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Vencerás tudo
Quanto me aterra ;
Não temo guerra
Tendô-te a par :
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Estes trabalhos
Não me dão côrte ;
Conduz-me á morte
Não te gozar.
Por ti, Marilia,
Vou suspirar.

Mas basta ja de canto :
Ergástulo cruento !
Bem vês que não me aterra
Teu horrído tormento.
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

Se aqui vier um dia
Marilia linda e bella,
A quem minha alma adora,
Lhe diz que por ella
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

LYRA XI

De Cresso as riquezas
Te mostro, Dirceo;
Se deixas Marilia,
Será tudo teu.
Serás grande senhor;
De nada val amor.

De marmor marpezio,
De tectos dourados,

Teus grandes palacios
Serão respeitadòs.
Serás grande senhor ;
De nada val amor.

Em aureas berlindas,
Por urcos puxadas,
Serás conduzido
Com armas gravadas.
Serás grande senhor ;
De nada val amor.

A pompa luzente
Da còrte brilhante,
Dirceo, por honrar-te
Terás todo o instante.
Serás grande senhor ;
De nada val amor.

Se luxo quizeres,
Terás luxo tanto,
Que dês aos mais horas
D'inveja e de pranto.
Serás grande senhor ;
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas
A propria grandeza ;
Que tudo é sublime
Aonde ha riqueza.
Serás grande senhor ;
De nada val amor.

Se throno quizeres,
Dar-te-hei alto throno ;
De terras e reinos,
Dirceo, serás dono.
Serás grande senhor ;
De nada val amor.

Apenas deixares
Marilia formosa,
De tudo o que digo
Sem duvida gozas.
Serás grande senhor ;
De nada val amor.

DIRCEU.

Fortuna, que buscas
Com tantos poderes?

Com outros reparte
Teus grandes haveres.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

A prata burnida
Por mão delicada
A frente tão branca
Não é comparada.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Quaes são as saphiras,
Que breves instantes
Lhe deixem sem lustre
Seus olhos brilhantes?
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

As rosas mais rubras,
A côr da açucena,
Lhe mostrão na face,
Que lucida scena!
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Na boca formosa,
Rubís delicados,
Lhe deixão pequenos
Recintos fechãdos.
Nãõ quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Mas ah que eu não busco,
Marilia, pintar-te;
Por outros motivos
Desejo raivar-te!
Nãõ quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Se tu pódes tanto,
Fortuna invejosa,
Porque me não tiras
Marilia formosa?
Nãõ quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Marilia é constante,
Dirceo se desvela,
Mais bens não desejão
Nem elle, nem ella.

Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Val tanto Marilia,
Fortuna cruenta,
Que a seus predicados,
Que mais s'accrescenta?
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Se tu por Marilia
Me dás prata e ouro,
É que ella mais val
Que todo o thesouro.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Se pompa e grandeza
Por ella me tornas,
Com ella, ó fortuna,
O templo mais ornas.
Não quero ser senhor;
Mais rico sou de amor.

Eu quero a Marilia,
Não quero riquezas;

No extremo sou grande,
Não busco grandezas.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Se pobre me vires,
Eu nunca exaspero;
Pois tenho a Marília,
De ti nada quero.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

Fortuna, não quero
Mais vêr-te, importuna;
Quem tem a Marília
Tem toda a fortuna.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

De mim, ó fortuna,
Te vinga raiyosa;
Pois a ti prefiro
Marília formosa.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou de amor.

LYRA XIII

Em carro de branca neve
Pelos Aquilões puxado,
Assoprando rijos ventos,
Vai fugindo a longos passos
O triste inverno engelhado.

Comsigo levou
A fria estação;

Agora so corre
Branda viração.

De Favonio a docil aura
Ja a primavera respira ;
E de pullulantes flores
Vai vestindo os verdes campos,
Que o inverno destruíra.

Ligeiros zephyros
Nas azas sostidos,
Por entre os raminhos
Adejão perdidos.

Com som medonho esta fonte
No triste inverno corria ;
Hoje em segredo murmura
Convidando o caminhante
Com a lympha pura e fria.

Com sereno passo
Por estas campinas
Os pés vai beijando
Ás lindas boninas.

Que feiticeiros encantos

Não apresenta a natureza !
Quanto os meus olhos alcançao,
Em tudo brilhando está
Uma natural belleza.

Dispostas sem arte
Mil cheirosas flores
O prado matizão
Com vividas cores.

Mas se a meu lado te visse,
Minha Marilia adorada,
Os transportes que em mim sinto,
Mais sublimes os faria
A tua face engraçada.

Em teu lindo rosto
Poz a natureza
Magicos encantos
Da maior belleza.

LYRA XIV

Contente promette
Alcino pastor
A dar-lhe Marilia
Mil votos a amor.

O dar-lhe Marilia
Amor lhe promette :
Alcino gostoso
Os votos repete.

Marilia adorava
O seu pescador ;
Sem elle um momento
Não tinha calor.

Dirceo desvelado
Por ella morria ;
As trutas mais frescas
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece
Ser cousa odiosa
Roubar a Dirceo
Marilia formosa.

Mas tinha d'Alcino
Mil votos amor ;
Pois era na aldêa
Mais rico pastor.

Entrou o vendado
Na dura batalha ;
E sobre os amantes
Ciumes espalha.

Mas erão tão firmes

Os seus corações,
Que o zelo não pôde
Quebrar-lhe as prisões.

Amor cavilloso,
Que vive em receio,
Se vão a abraçar-se,
Se mette no meio.

Os braços abrindo
Os quer separar :
Mas fez nos amantes
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede
Que cumpra a promessa :
Amor as ciladas
De novo começa.

No braço lhe pega,
A ella o presenta,
E as faces rosadas
A elle lhe augmenta.

Marilia engraçada,
Sem ter turbação,

Põe logo raivosa
Os olhos no chão.

A elles voando
Lhos quer levantar ;
Mas ella constante
Os chega a fechar.

Do caro Dirceo
A voz escutando ,
Para onde elle vinha
Os foi levantando.

Acode-me, acode,
O' meu pescador !
Marilia tu vinga
D'Alcino e de amor.

Às vozes acode
O amante ligeiro,
E toma nos braços
O bravo frecheiro.

De sorte o aperta,
Que amor sossobrado

Lhe diz : « — Não me mates,
Estou emendado. »

« Já sei quanto póde
A firme constancia ;
Ou sendo em presença,
Ou quando em distancia. »

Alcino raivoso
Entrou a bradar :
« — De ti, amor cego,
Me quero vingar. »

« Ja fôrça não tens,
Estupido amor
Enganas a gente
Não tendo valor. »

Amor indignado
O busca ferir ;
Alcino de medo
Deitou a fugir.

Voltou-se aos amantes,
E disse-lhes assim :

« — Busquei separal-os,
Prendel-os mais vim.

« Quiz dar-te, Dirceo,
Um fero rival :
Se é firme a belleza
Astucia não val. »

Dirceo a Marilia
Os braços lançou :
Amor de invejoso
Raivando voou.

LYRA XV

Ja quando baixava Phébo
Do ponto do meiodia,
E nos fogosos Ethontes
Para o sepulchro corria :

Marilia, pastora bella,
Branças ovelhas pastava,
Juncto d'um bosque frondoso
Que á margem do Téjo estava.

Sentada no tronco annoso,
Que verdes folhas não tinha,
Lançava as vistas ao longe
Para vêr se Dirceo vinha.

Na mão direita encostado
Tinha o divino semblante;
E para vel-o o Deos louro
Parava d'istante a instante.

Os olhos põe nas ovelhas,
De novo ao monte os erguia;
Mas nas garras da saudade
Dirceo, nem ovelhas via.

De longe a divisa amor,
Conhece-lhe a turbação;
Pois só elle por Dirceo
Lhe governa o coração.

Bate as azas; deo um vôo
Juncto da pastora bella :
Marilia estava de sorte,
Que não foi sentido della.

Amor então s'escondeo

Por detraz do tronco annoso,
Por lhe deixar campo livre
Ao seu extremo saudoso.

Marilia, a quem já dos olhos
Corria o sentido pranto,
Julgando que só estava,
Solta do peito este canto :

« Pastor amado,
Minha alma e vida,
Como sentida
Aqui me tens?
Pastor, que esperas?
Inda não vens?

« Como é possível
Que te demores?
Sem vêr que as horas
Correndo vão?
Deixas Marilia
N'esta afflicção?

« Eu não te chamo,
Dirceo, ingrato;
Teu terno trato

Mostrado tem,
Que é so Marília
Têu doce bem.

« Nada duvido
D'esta verdade;
Mas da saudade
Eero rigor
Rival se mostra
Do meu amor.

« Ah que eu me inflammo
Mais em querer-te;
Porém sem vêr-te
Ó justo ceo!
Não te demores,
Dirceo, Dirceo! »

A saudade foi tão forte
De Marília n'este passo,
Que fica encostada ao tronco,
Deixando cahir o braço.

Deixa escapar um gemido,
Bem proprio n'esta paixão;

A vista se lhe perturba,
Palpita-lhe o coração.

Amor de susto tremeo :
Chega a ella de improviso,
E diz-lhe : « — Marilia bella,
Deixa o pranto, solta o riso.

« Dirceo não tarda um momento ;
Detraz da montanha o vi
Movendo ligeiros passos,
Antes que eu te visse aqui.

« Por sinal vinha cantando
Cantigas ao seu amor :
Quero repetir-te aquellas
Que pude tomar de cór. »

« Marilia, minha amada !
Aonde estás, aonde ?
Marilia, minha amada,
Ah que ninguem responde.
Marilia, responde
Por boca de amor
Ao terno pastor.

« Marilia, minha amada,
Aonde te hei de achar?
Marilia, minha amada...
Não ouço alguém fallar.
Marilia, responde
Por boca de amor
Ao terno pastor.

« Marilia, minha amada,
Marilia, doce bem!
Marilia, minha amada...
Aqui não vejo alguém.
Marilia, responde
Por boca de amor
Ao terno pastor.

« Marilia, minha amada,
Aonde te hei de vêr?
Marilia, minha amada...
Eu sinto-me morrer.
Marilia, responde
Por boca de amor
Ao terno pastor.

Ainda mais Dirceo cantava,
Que eu não pude perceber :

Ah Marilia, quanto é justo
Teu innocente querer!

Mas ah não vês a Dirceo
Como corre para nós?
O cervo buscando a cerva,
Não, não corre tam veloz.

Amor cala; ella levanta
Os olhos té li fechados;
E vendo que Dirceo vinha,
Respira doces agrados.

Novo lustre lhe apparece
Nas maxillas côr de rosa:
Não ha pastora no Téjo
Como Marilia formosa.

No rosto lhe revoava
Uma tam nova alegria,
Que sendo Marilia bella,
Inda mais bella a fazia.

Então Marilia soltando
Vozes de amor e desvelo,

Ja levantada do tronco,
Ligeira se apressa a vel-o.

Amor juncto d'ella corre,
Que tambem amor queria,
Pois enlaçava os amantes,
Ter parte n'esta alegria.

Dirceo chega, e traz nas mãos
Venabulo forte aguçado,
De sangue cheio, e o pellico
Tambem de sangue manchado.

Marilia se assusta logo;
De novo treme e desmaia :
Amor os braços lhe estende,
Porque na terra não caia.

Dirceo lhe diz : — Ó Marilia,
O teu pastor nada tem!
Abre os teus luzentes olhos,
Não te assustes, caro bem.

Levantou Marilia os olhos,
Lindos olhos côr do ceo :

E logo encontrou aquelles
Do seu querido Dirceo.

« — Que sangue é esse, ó querido? »
Marilia lhe perguntou :
Dirceo, sorrindo o semblante,
D'esta sorte lhe fallou

« — Quando descendo do Serro
Trilhava o nosso caminho,
Vejo um javali deitado
Entre um alto rosmaninho.

« Tremi de susto lembrado
Que tu havias passar,
Fosse mais tarde ou mais cedo.
Juncto d'aquelle lugar.

« Sem trazer armas algumas
Temi atacar a féra ;
Qual seria meu desgosto,
Cara Marilia, pondéra.

« Ligeiro busco a montanha
Chego á cabana, e tomei

D'entre os venábulos que tinha,
Este mais forte que achei.

« Desço a montanha apressado ;
Vejo a féra que subia,
Co' os cabellos erriçados,
Do lugar em que dormia.

« Corro a ella : a mim se avança ;
Teu nome invoco e o de amor ;
Feri-a logo, e na morte
Não teve mais que uma dôr.

« Vem commigo, prenda amada,
Vem vêr o triumpho meu :
Para libertar Marilha
Não teme a morte Dirceo.

« Dá-me os teus braços em premio
D'este trabalho que tive ;
Tu vives para Dirceo,
Dirceo para ti so vive. »

Então estendendo os braços,
Um ao outro se abraçou :

Amor chegando-se a elles
Mais os laços apertou.

Amor cheio de prazer,
Soltando as vozes ao ar,
Em louvor dos dous amantes
Assim começa a cantar :

« Marilia formosa,
Mais bella que a rosa,
De amor são desvelos
Teus negros cabellos,
Teu rosto gentil.

« Amor te annuncia
Prazer e alegria,
Nos braços amantes,
Nos olhos brilhantes
Do caro Dirceo.

« Dirceo, eu te auguro
No tempo futuro,
Mais ditas e gosto
Marilia no rosto
Te póde mostrar.

« Constante ventura,
Carinhos, ternura,
Terás conservada
No peito da amada,
No seu coração.

« Os premios são estes,
São estas as vestes,
Que amor vos destina;
A amar-vos ensina
No dia melhor. »

Tres vezes bateo as azas
Sobre Marilia e Dirceo,
E rompendo os densos ares
D'elles desapareceo.

SONETO.

Marilia, chega, que Dirceo t'espera
Sobre as candidas azas da alegria :
Chega, querido bem, trazes o dia,
Em que a inveja ferina s'exaspera.

Apenas no horizonte amanhecêrá,
E Phébo os louros raios repartia ;
Já dentro d'esta aldêa se sabia,
Que a causa d'este bem Marilia era.

Tu já vês como salta o cordeirinho
Alegre atraz da mãe no verde prado:
Ouves cantar o alado passarinho :

Pizas a inveja, rindo-te do fado
É mais puro que o leite o teu carinho,
É mais doce que o mel teu terno agrado.

SONETO

Ó Marilia gentil, ao templo vamos,
Onde amor tem na pyra fogo ardente;
Quero-te alli; desejo-te presente;
Pois que os dons da firmeza em nós levamos.

Este o grande portal; ja que chegamos
Repara n' esta massa reluzente;
Impuro coração não se consente
Em torno ás aras, onde a vista alçamos.

Aqui de amor a chamma s'accrescenta
Em todo o peito fido, alma constante;
Aqui se morde a intriga turbulenta.

Mas, Marilia, meu bem, um breve instante
Ao altar sobe, junto a amor t'assenta,
Recebe os cultos d'este peito amante!

FIM.

INDICE

MARILIA DE DIRCEU

PARTE I

I. — Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro.	5
II. — Pintão, Marilia, os poetas. .	9
III. — De amar, minha Marilia, a formosura.	13
IV. — Marilia, teus olhos..	15
V. — Oh! quanto póde em nós a varia estrella.	20
VI. — Acaso são estes.	23
VII. — Vou retratar a Marilia..	28
VIII. — Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo..	31
IX. — Marilia, de que te queixas..	34
X. — Se existe um peito.	37
XI. — Não toques, minha musa, não, não toques.	41
XII. — Topei um dia.	45
XIII. — Minha bella Marilia, tudo passa.	50
XIV. — Oh! quantos riscos..	53
XV. — A minha bella Marilia..	59

XVI.	— Minha Marília.	62
XVII.	— Não vês aquelle velho respeitavel..	68
XVIII.	— Eu, Glauceste, não duvido..	71
XIX.	— Em quanto pasta alegre o manso gado..	75
XX.	— Em uma frondosa.	78
XXI.	— Não sei, Marília, que tenho.	80
XXII.	— Muito embora, Marília, muito embora..	84
XXIII.	— N'um sitio ameno.	86
XXIV.	— Encheo, minha Marília, o grande Jove'..	89
XXV.	— O cego cupido um dia..	92
XXVI.	— Tu não verás, Marília, cem captivos..	97
XXVII.	— O destro cupido um dia.	100
XXVIII.	— Alexandre, Marília, qual o rio.	102
XXIX.	— Tu, formosa Marília, já fizeste.	105
XXX.	— Cupido tirando..	109
XXXI.	— O tyranno amor risonho	111
XXXII.	— Juncto a uma clara fonte.	114
XXXIII.	— Minha Marília.	116
XXXIV.	— N'uma noite sotegado.	121
XXXV.	— Em cima dos viventes fatigados..	124
XXXVI.	— Péga na lyra sonora.	129
XXXVII.	— Convidou-me a vêr seu templo.	134

PARTE II

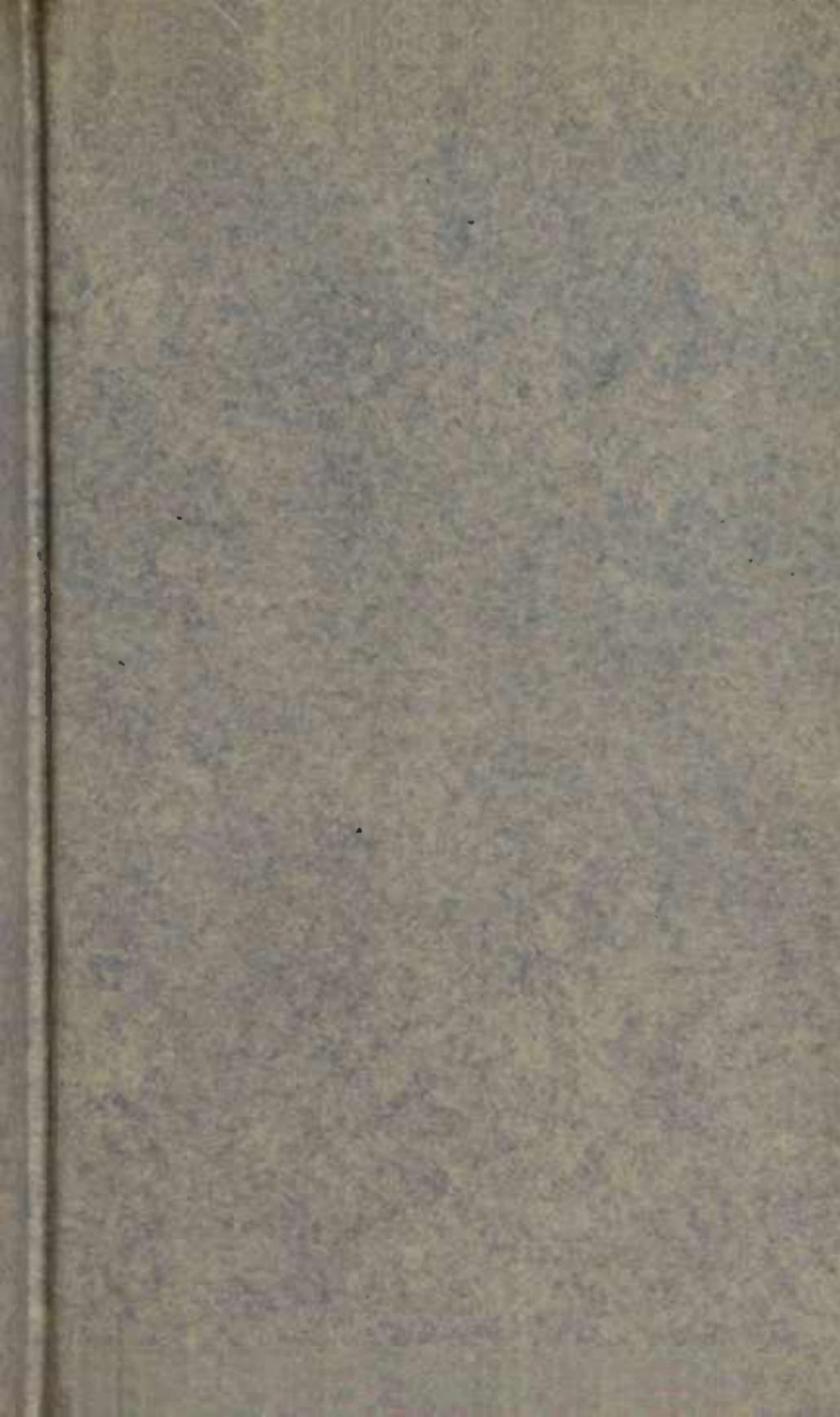
I.	— Já não cinjo de louro a minha testa.	145
II.	— Morri, ó minha bella.	149
III.	— Esprema a vil calumnia muito embora..	152
IV.	— Succede, Marília bella..	154
V.	— Já, já me vai, Marília, branquejando..	157
VI.	— Os mares, minha bella, não se movem..	160
VII.	— Vou-me, ó bella, deitar na dura cama..	162
VIII.	— De que te queixas.	165
IX.	— Meu prezado Glauceste.	168
X.	— Eu vejo, ó minha bella, aquelle numen.	171
XI.	— A estas horas.	174

XII. — Se acaso não estou no fundo averno.	179
XIII. — Arde o velho barril, arde a cabeça.	182
XIV. — Ah! Marília, que tormento.	185
XV. — Vês, Marília, um cordeiro..	189
XVI. — Alma digna de mil avós augustos.	192
XVII. — Se la te chegarem..	195
XVIII. — Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro..	198
XIX. — Vejo, Marília.	202
XX. — Dirceo te deixa, ó bella..	206
XXI. — Não mólho, Marília.	209
XXII. — N'esta triste masmorra.	212
XXIII. — Se me visses com teus olhos.	215
XXIV. — Que diversas que são, Marília, as horas.	220
XXV. — Por morto, Marília..	223
XXVI. — Não praguejes, Marília, não praguejes..	226
XXVII. — Eu vou, Marília, vou brigar, co'as féras..	229
XXVIII. — Minha Marília..	232
XXIX. — Aquelle, a quem fez cego a natureza..	256
XXX. — A minha Amada..	259
XXXI. — Detem-te, vil humano.	243
XXXII. — Eu descubro procurar-me..	246
XXXIII. — O pai das musas..	248
XXXIV. — Roubou-me, o minha amada, a sorte inopia.	251
XXXV. — Não has de ter horror, minha Marília.	255
XXXVI. — Meu sonoro passarinho..	257
XXXVII. — Se o vasto mar se encapella..	260
XXXVIII. — Eu vejo aquella deosa.	264
SONETO.	270

PARTE III

— Como alegre vem nascendo.	275
II. — N'uma escura gruta..	279
III. — Leo-se-me em fim a sentença.	283
IV. — Que vezes julga, que morre.	286
V. — Fulgidas estrellas.	289

VI. — Vaidosa a fortuna.	291
VII. — Em quanto o sordido avaro.	295
VIII. — Um dia que o gado.	297
IX. — Como correm brandamente.	299
X. — Á bella Cyth'rea. :	502
XI. — Ergástulo cruento.	306
XII. — De Cresso as riquezas. .	312
XIII. — Em carro de branca neve. .	319
XIV. — Contente promette. .	322
XV. — Ja quando baixava Phébo.	328
SONETO. . . .	340
SONETO. . . .	342



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).